UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA

CAMPUZ DE IMPERATRIZ

DANIELE SILVA LIMA

A PRESENÇA DAS MULHERES COMO FONTES DE INFORMAÇÃO NO TELEJORNALISMO: UMA ANÁLISE DO JORNAL HOJE E DO JMTV 1ª EDIÇÃO

Imperatriz

2020

Daniele Silva Lima

A PRESENÇA DAS MULHERES COMO FONTES DE INFORMAÇÃO NO TELEJORNALISMO: UMA ANÁLISE DO JORNAL HOJE E DO JMTV 1ª EDIÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Maranhão

Orientadora: Profª. Drª. Camilla Quesada Tavares

Imperatriz

2020

À minha família, razão de estar aqui hoje e de lutar todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi feito em um dos períodos mais difíceis da minha vida, sendo assim, ele só foi possível com o suporte de pessoas que me apoiaram e não deixaram que eu desistisse. Meus sinceros agradecimentos vão para elas.

À minha família, especialmente minha avó e minha mãe, que sempre me apoiaram e se sacrificaram sem ao menos pensar duas vezes para que eu tivesse a oportunidade de seguir com seus sonhos.

À minha querida orientadora, Camilla Tavares, não só pela orientação, mas pelos conselhos, risadas e tweets. Sem você, esse trabalho não tinha acontecido.

À Michele Massuchin, a responsável pelos meus primeiros passos na pesquisa científica e nos estudos de gênero, que agora são o meu lugar. Você sempre será minha orientadora do coração.

Às amigas que a graduação me deu: Danielle Carolina, Lorena Lacerda, Wyldiany Santos, Luana Fonseca, Rafaela Gomes e Janaína Oliveira. Vocês representam a parte mais especial dessa minha caminhada, obrigada pelo infinito apoio, pelos conselhos, por ouvirem, por compartilharem alegrias e tristezas e por todos os momentos que eu nunca vou esquecer. Amo vocês, minhas meninas.

A todos os meus amigos que estiveram do meu lado, aguentaram minhas reclamações, me apoiam e ficaram felizes com minhas pequenas vitórias ao longo dessa escrita.

À Frida Bárbara, peça chave para a realização desse estudo. Obrigada pelo suporte e pelos artigos de telejornalismo, você foi essencial.

Ao Grupo de Pesquisa em Comunicação, Política e Sociedade (COPS), que me acolheu desde que eu coloquei meus pés na UFMA e segue estando presente na minha vida e sendo parte fundamental da minha caminhada na pesquisa científica.

Aos meus professores da graduação, que me inspiram a ser uma pessoa e uma profissional melhor. Em especial, quero deixar registrados esses nomes: Mariana Guedes, Leila Santos, Isabele Mitozo, Thaísa Bueno e Lucas Reino. Quando crescer, quero ser como vocês.

À UFMA, suas salas e corredores vão sempre ser inesquecíveis para mim. Foi onde fiz amigos que espero levar para a vida toda e onde encontrei felicidade e conforto nesses 4 anos.

À Deus, ao qual eu recorro nos meus momentos de dúvida e aflição. Sei que Ele olha por mim e está sempre ao meu lado e da minha família.

A história sozinha cria estereótipos, e o problema com estereótipos é que não é que eles não são verdadeiros, mas que eles são incompletos. Eles fazem uma história se tornar a única história.

Chimamanda Ngozi Adichie

RESUMO

Recentemente, a pesquisa em jornalismo tem se dedicado a verificar a presença das mulheres e de pautas relacionadas ao gênero em diversos âmbitos da profissão, seja a partir da produção dos diferentes suportes e veículos ou nas redações jornalísticas. Nesse cenário, este trabalho propõe contribuir com os estudos ao se debruçar sobre a presença das mulheres como fontes de informações nos telejornais Jornal Hoje e JMTV 1ª Edição. A pergunta a ser respondida aqui é: "quando e como as mulheres são usadas como fonte de informação no Jornal Hoje e no JMTV 1ª Edição". Para isso, foi utilizado como método científico a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2006), inspirado na pesquisa do *Global Media Monitoring Project*, que verifica a presença da mulher no jornalismo de todo o mundo. O *corpus* do estudo compreende uma amostra (SOUSA, 2004) de 24 edições do Jornal Hoje e 24 edições do JMTV 1ª Edição, que foram transmitidas no ano de 2019. Assim, foram analisadas 429 matérias que contavam com 1.119 fontes de informação. Além disso, foi realizado uma revisão de literatura com diversos autores e autoras para discutir gênero e comunicação, fontes de notícias e telejornalismo. Como resultado, verificou-se discrepâncias ao se comparar a presença de homens e mulheres no telejornal de diferentes abrangências. Algumas delas referem-se a menos entrevistadas, principalmente quando se olha fontes oficiais e especialistas. Ademais, quando presentes, elas servem apenas para fornecerem opiniões pessoais e ilustrarem as matérias, o que pouco contribui para a construção da narrativa jornalística. Além disso, a quantidade de notícias que se propõe a inserir perspectivas de gênero é irrisória. Entretanto, algum avanço nesse sentido foi observado no telejornal regional, o JMTV 1ª Edição, que apresentou um cenário mais positivo para as mulheres enquanto fontes de informação.

Palavras-chave: Estudos de Gênero. Telejornalismo. Análise de Conteúdo. Jornal Hoje. JMTV 1ª Edição.

ABSTRACT

Recently, research in journalism has been dedicated to verifying the presence of women and gender-related agendas in all media or in newsrooms. In this scenario, this work proposes to contribute to studies by focusing on the presence of women as sources of information on the news programs Jornal Hoje and JMTV 1ª Edição. The question to be answered here is: "when and how are women used as a source of information in Jornal Hoje and JMTV 1ª Edição?". For that, Content Analysis was used as a scientific method (BARDIN, 2006), inspired by the research of the Global Media Monitoring Project, which verifies the presence of women in journalism around the world. The corpus of the study comprises a stratified sample (SOUSA, 2004), with 24 editions of Jornal Hoje and 24 editions of JMTV 1ª Edição, which were broadcast in 2019. Thus, 429 articles were analyzed with 1119 sources of information. In addition, a literature review was conducted with several authors to discuss gender and communication, news sources and television news. As a result, there were numerous discrepancies when comparing the presence of men and women on the news. Some of them are that they are the least interviewees, especially when looking at official and expert sources. Furthermore, when present, they serve only to provide personal opinions and illustrate the stories, which contributes little to the construction of the journalistic narrative. In addition, the amount of news that proposes to insert gender perspectives is insignificant. However, some progress in this direction was observed in the regional news program, JMTV 1ª Edição, which presented a more positive scenario for women.
Keywords: Gender Studies. Telejournalism. Content Analysis. Jornal Hoje. JMTV 1ª Edição.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de fontes consultadas..... 43
Gráfico 2 – Número de fontes mulheres consultadas..... 43
Gráfico 3 – Relação familiar das fontes de informação..... 54
Gráfico 4 – Quantidade de homens e mulheres entrevistados em matérias com perspectiva de gênero nos telejornais..... 57
Gráfico 5 – Valência das matérias com perspectiva de gênero nos telejornais..... 58

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Matriz de classificação das fontes.....18
Figura 2 – Reportagem sobre a carreira de Beth Carvalho no Jornal Hoje 59
Figura 3 – Reportagem sobre alteração da Lei Maria da Penha no Jornal Hoje 60
Figura 4 – Reportagem sobre projeto contra a violência de gênero no JMTV 1º Edição 61
Figura 5 – Reportagem sobre mulheres que se destacam no esporte 62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Formatos de notícias veiculadas nos telejornais 40
Tabela 2 – Temas de notícias presentes nos telejornais 41
Tabela 3 – Abrangências das matérias exibidas pelos jornais 42
Tabela 4– Tipos de fontes usadas nos telejornais 44
Tabela 5 – Tipos de fontes usadas de acordo com os temas das matérias no Jornal Hoje 45
Tabela 6 – Tipos de fontes usadas de acordo com os temas das matérias no JMTV 1ª Edição 46
Tabela 7 - Uso de fontes femininas e masculinas de acordo com os formatos 48
Tabela 8 – Presença de homens e mulheres de acordo com temas do Jornal Hoje 49
Tabela 9 - Presença de homens e mulheres de acordo com temas do JMTV 1º Edição.....50
Tabela 10 – Presença de homens e mulheres de acordo com a abrangência dos telejornais...51
Tabela 11 – Posicionamento de mulheres e homens enquanto fontes nos telejornais.....52
Tabela 12 – Tipos de fontes de acordo com o sexo no Jornal Hoje 52
Tabela 13 - Tipos de fontes de acordo com o sexo no JMTV 1ª Edição 54
Tabela 14 – Quantidade de fontes vítimas de violência nos telejornais 56
Tabela 15 – Quantidade de matérias com perspectivas de gênero nos telejornais 56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....12
2 FONTES NO JORNALISMO: AS PROTAGONISTAS DAS NOTÍCIAS.....15
2.1 Fontes no telejornalismo: o impacto da voz e imagem.....22
3 GÊNERO: UM NOVO ELEMENTO NOS ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO.....25
3.1 A atuação da mulher no jornalismo.....28
3.2 Os problemas de gênero na produção jornalística.....30
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....34
4.1 Os objetos de estudo.....35
4.2 A amostra e categorização dos dados.....37
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....40
5.1 Tematização dos telejornais: onde as mulheres aparecem?.....48
5.2 Uso das fontes: como as mulheres são utilizadas na narrativa jornalística?.....51
5.3 Perspectiva de gênero: qual o espaço dedicado às questões das mulheres nos telejornais?.....56
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....63
REFERÊNCIAS.....65
APÊNDICE.....71

1 INTRODUÇÃO

As problemáticas relacionadas ao gênero, ou melhor, à desumanização de um gênero em relação a outros (BLAY, 2019) fez com que, globalmente, diversas lutas fossem travadas para que as mulheres pudessem alcançar direitos, como o direito ao voto e ao aborto, em caso de estupro e risco de vida para a mulher. Falar sobre gênero é falar sobre construções sociais, uma vez que esse termo existe para definir que o sexo biológico com o qual cada pessoa nasce não define o que ela deve ser ou quais papéis ela vai ter na sociedade, essa é uma construção que se inicia antes mesmo do nascimento, como argumentam diversos autores da área (BEUVOIR, 1967; HEILBORN, 1994; ESCOSTEGUY, MESSA, 2008).

Segundo Miguel e Biroli (2014), o gênero é um dos eixos principais que determinam a experiência de alguém no mundo social. Entretanto, as diferenças de gênero não determinam as posições dos indivíduos isoladamente, pois "as hierarquias de gênero assumem formas diferentes segundo a posição de classe e raça das mulheres" (BIROLI, 2018, p. 23). Alves et al. (2019) destacam que, no Brasil, com o fim da República Velha, compreendida entre os anos de 1889 e 1930, observou-se um crescimento dos ideais feministas junto com o começo de uma sociedade urbano-industrial. E foi essa expansão do movimento feminista que permitiu mudanças positivas para as mulheres, como a permissão para votar, o aumento da expectativa de vida, entrada no mercado de trabalho e aumento da participação delas em todos os níveis de formação.

Todas essas mudanças sociais também influenciaram as pesquisas científicas com o objetivo de discutir o gênero e as problemáticas que as mulheres ainda enfrentam. Isso acontece inclusive na área da Comunicação, que viu na falta de mulheres no jornalismo, por exemplo, um problema que deixa transparecer as marcas da sociedade patriarcal na área. Desde 1995, a The World Association for Christian Communication (WACC) organiza uma pesquisa a cada cinco anos para monitorar a aparição de mulheres nos meios de comunicação no mundo. Em 2015, o Global Media Monitoring Project relatou que a porcentagem de mulheres que apareciam nos jornais impressos, na televisão e no rádio foi de apenas 24%, o mesmo número de 2010, ou seja, não houve evolução entre os períodos de análise.

Inspirada pela metodologia da pesquisa, Beffa (2017) realizou um estudo com jornais impressos de todas as regiões do Brasil e constatou que, em matérias de capa durante o período de 18 de junho a 5 de agosto de 2017, a média de mulheres ouvidas foi de apenas 30%, sendo o jornal Zero Hora o que menos as ouviu, apenas 16,7% delas foram escolhidas para as matérias. A pesquisadora também notou um padrão quando eram usadas vozes femininas nas matérias.

"As fontes femininas (..) são mais utilizadas como uma forma de fazer com a que a notícia seja relacionável com o leitor, por meio de fontes que contam suas histórias ou dão opiniões sem serem peritos no assunto" (BEFFA, 2017, p. 186)

Por conta de números como esse, alguns projetos nasceram com o objetivo de proporcionar mais equidade de gênero na comunicação. Em 2014, a organização não-governamental Think Olga divulgou o "Entreviste uma mulher", um banco de dados com contatos de mulheres que poderiam ser fontes, a ONG também incentiva e abre o espaço para indicações de outras mulheres e inscrições para o banco. Em 2019, duas jornalistas, Clarissa Antunes e Rachel Sardinha, desenvolveram o "Projeto Cora", que objetiva uma ponte entre empreendedoras e executivas e a imprensa. Ainda no mesmo ano, o veículo O Globo lançou uma plataforma chamada "Celina", com um catálogo de mulheres especialistas em diversas áreas. Ou seja, o aumento da visibilidade delas nos meios de comunicação é uma preocupação global e brasileira.

No jornalismo, o uso de fontes é primordial para a construção das narrativas noticiosas, isso porque é a partir das vozes das pessoas que os fatos são legitimados (ALCÂNTARA; CHAPARRO; GARCIA, 2005). Sabendo que essas vozes constroem o jornalismo, é importante perceber que elas precisam ser plurais, assim como o mundo também é.

De acordo com Beffa (2017), o jornalismo poderia ser uma ferramenta para a mudança da questão de gênero na sociedade. Karam (1997, p. 15) também defende a diversidade como forma de mudar o futuro, pois "a diversidade de fontes que expresse a pluralidade social é indispensável para a compreensão do presente e permitir a intervenção mais consciente no futuro". Entretanto, pesquisas apontam que existe uma discrepância quando se observa quantidade de vozes masculinas e femininas no jornalismo, sendo a última menos ouvida. E, além de menos ouvida, ela aparece num papel de menos expressividade na matéria, dando apenas sua opinião sobre algo e não como uma especialista (BEFFA, 2017).

Sabendo disso, este trabalho levanta a seguinte problemática: quando e como as mulheres são usadas como fonte de informação nos telejornais Jornal Hoje e JMTV 1ª Edição? A proposta aqui é tentar mensurar em que temas de notícias elas aparecem e, quando aparecem, qual o papel das vozes delas dentro do recorte da notícia televisiva. Sendo assim, o objetivo geral da pesquisa é analisar a presença das mulheres como fontes em telejornais de diferentes abrangências, sendo um nacional e outro regional. Especificamente, busca-se apontar os tipos de fontes usadas na cobertura jornalística, verificar a presença ou ausência de pautas com

perspectiva de gênero e comparar o uso de vozes femininas e masculinas na produção das notícias.

Para cumprir com esse objetivo, foram escolhidos dois objetos para a pesquisa, o telejornal JMTV 1° Edição, programa regional produzido em São Luís - MA e transmitido ao meio dia de segunda-feira a sábado, pela afiliada da Rede Globo no Estado do Maranhão, a TV Mirante. E o Jornal Hoje, que tem sede na cidade de São Paulo – SP e tem transmissão nacional aproximadamente às 13h, de segunda-feira a sábado também, logo após o JMTV 1° Edição.

A escolha por analisar telejornais, e não outro meio, se deu pela grande presença das televisões nos lares maranhenses e o alcance de transmissão da emissora Rede Globo. Segundo as informações divulgadas pelo Grupo de Mídia de São Paulo no Mídia Dados (2019), 93,6% dos domicílios no Maranhão possuem televisão e a Globo chega a 98,33% dos municípios brasileiros. Além disso, o estudo também divulgou um perfil dos consumidores da TV aberta no Brasil, 53% são mulheres, 46% pertencem à classe C e 37% têm de 25 a 44 anos.

A partir disso, o estudo justifica-se pela importância de observar como são construídas as notícias diárias e que espaço é dado para as vozes femininas, uma vez que são a maioria da população brasileira e são também as maiores consumidoras de televisão. Outros estudos sobre jornalismo e gênero já demonstram que os resultados da produção jornalística carregam estereótipos (SARMENTO, 2012), diferenças na cobertura das candidatas (MIGUEL; BIROLI, 2011), além da ausência de fontes mulheres (JOHN, 2014), dentre outras questões. Tendo esses dados em vista, a pesquisa torna-se importante para demonstrar como as questões de gênero perpassam diariamente no conteúdo jornalístico e como isso pode também resultar em estereótipos que aparecem nas notícias diárias e na falta de diversidade de vozes.

Além disso, este estudo, especificamente, também é importante para o preenchimento de uma lacuna observada nos estudos de gênero e comunicação, uma vez que, diferente da maioria que se concentra no Sul do Brasil (SILVA et al., 2019), este se propõe a observar também uma redação do Maranhão – o JMTV 1° Edição -, no Nordeste do país. Dessa forma, provavelmente, será possível observar questões diferentes das já salientadas pelos estudos anteriores que se concentram em cenários diferentes do país e apontar diferenças com o telejornal de nível nacional, aqui representado pelo Jornal Hoje.

Para cumprir os objetivos do trabalho será usada a Análise de Conteúdo (AC) como técnica de pesquisa segundo Bardin (2006). A análise será baseada na metodologia da pesquisa Global Media Monitoring Project, que, diferente da pesquisa de Beffa (2017), será aplicada no

jornalismo audiovisual. Sendo assim, apesar da inspiração, aqui será utilizado um livro de códigos próprio, para melhor atender aos propósitos da pesquisa. O objetivo do livro é identificar em que temas de matérias as mulheres aparecem, apontar problemáticas na cobertura e verificar a presença ou ausência de pautas com perspectivas de gênero. As variáveis que foram selecionadas para a pesquisa incluem o formato, tema de notícia, quantidade e tipos de fontes.

Para definir o corpus da pesquisa, foi feita uma amostra das edições dos telejornais entre os meses de janeiro e dezembro de 2019, o que resultou em um *corpus* com 48 programas telejornalísticos. A escolha metodológica para realizar uma amostra se deu em razão de se analisar semanas diferentes e incluir todos os dias, de segunda-feira a sábado, de forma sistemática. Das 48 edições, 24 referem-se ao Jornal Hoje e 24 ao JMTV 1° Edição. A análise foi feita apenas com notícias que incluíssem fontes humanas, com sonoras, podendo ser reportagem, entradas ao vivo, nota coberta ou entrevista em estúdio, por exemplo.

Ademais, para o desenvolvimento do trabalho, será feita uma revisão de literatura com autores que discutem jornalismo, fontes, gênero e comunicação para que o tema seja explicado e fique claro a justificativa e os caminhos escolhidos para a análise, isso se encontra nos próximos capítulos. Após a discussão, é apresentada a metodologia do estudo, com detalhes sobre o método e as técnicas que foram escolhidas. Uma vez feita essa apresentação, são elencados os resultados obtidos por meio de gráficos, tabelas e figuras, e são feitas suas respectivas interpretações. Por fim, as considerações retomam alguns dos resultados, resumem os principais achados da pesquisa e indicam novos caminhos a serem seguidos.

2 FONTES NO JORNALISMO: AS PROTAGONISTAS DAS NOTÍCIAS

Hoje, não dá para se imaginar uma sociedade sem atividade jornalística, como já disse Melo (2003, p. 19): "É fato que o homem sempre teve vontade, interesse e aptidão para saber o que se passa. Informar e informar-se constituiu o requisito básico da sociabilidade." Ou seja, essa atividade se tornou fundamental, pois é através dela que os cidadãos se informam e é por meio disso que eles são capazes de levantar debates na esfera pública. Gomes (2018), ao falar sobre a importância da comunicação nas sociedades democráticas, afirma que o jornalismo – tanto na forma impressa, audiovisual e online – afeta os cidadãos diretamente na tomada de decisões e desempenha um papel importante na forma como as pessoas interpretam os problemas sociais.

O jornalismo, como o conhecemos hoje, começou no século XIX, quando se deu início ao que se chamou de mídia de massa (TRAQUINA, 2005). Foi nessa época que os valores do

jornalismo, como a objetividade, a prestação de serviço e a verdade dos fatos tomaram forma. "O jornalismo como se conhece hoje é um fenômeno do século XIX e uma invenção anglo-americana, por ser informativa e não publicista, ou seja, a notícia centrada no fato, a busca da verdade, a independência, a objetividade e a prestação de serviço público." (SHMITZ, 2011, p. 7).

Segundo Lage (2009), o jornalismo tem um papel fundamental na vida dos cidadãos, uma vez que é através dele que as pessoas se informam sobre as notícias do mundo de forma clara e simples.

> Como, na prática, profissões e atividades se interligam cada vez mais, é através do jornalismo que a informação circula, transposta para uma língua comum e simplificada, menos precisa, mas com potencial bastante para permitir julgamentos e indicar caminhos de investigação a quem estiver interessado (LAGE, 2009, p. 9).

O nascimento dessa nova forma do jornalismo foi o pontapé inicial para a inclusão dos profissionais da reportagem na rotina de produção das empresas jornalísticas. "Com o novo jornalismo, desenvolveu-se a ideia de que competia ao próprio jornal andar atrás da 'notícia'; era preciso encher o jornal com notícias que poderiam interessar os leitores." (TRAQUINA, 2005). Segundo o autor, esse foi o momento que o repórter se tornou a figura central das redações e começou a ocupar um cargo integral no jornalismo, já que são eles são os responsáveis por ir atrás das notícias que vão gerar interesse, o que, claro, também é crucial para a obtenção de lucros permitida com a comunicação de massa.

Lage (2009), argumenta que o repórter é um "agente inteligente", pois é esse profissional que representa os leitores do jornal. Ele vai, observa e escuta o que o público não pode e têm a função de ser o encarregado de selecionar o que é ou não é interessante. Além disso, o repórter é a pessoa autorizada pelos leitores para ser seus "olhos e ouvidos remotos" (LAGE, 2009, p. 9). Ou seja, temos aqui o profissional central na atividade jornalística, a pessoa que vai atrás da notícia e, por isso, é também o que estabelece a relação com as fontes de informação. Foi na inclusão do repórter que a técnica da entrevista foi cada vez mais usada para construir as notícias, por isso elas começaram a apresentar mais diversidade de pontos de vista (TRAQUINA, 2005).

Esses entrevistados pelos jornalistas são conhecidos como as fontes de informação. Segundo Traquina (2005, p. 190), "uma fonte é uma pessoa que o jornalista observa ou entrevista e que fornece informações. Pode ser potencialmente qualquer pessoa envolvida, conhecedora ou testemunha de determinado acontecimento ou assunto." Schmitz (2011) também define a fonte como uma pessoa que está envolvida no assunto de interesse do repórter,

segundo ele "a maioria das informações jornalísticas advém de organizações ou personagens que testemunham ou participam de eventos e fatos de interesse da mídia." (SCHMITZ, 2011, p. 9).

Já Pinto (2000), além de definir a fonte de forma semelhante às dadas pelos autores acima, também destaca que elas possuem interesses e pontos de vista próprios, que se revelam por suas posições e relações sociais.

> As fontes são pessoas, são grupos, são instituições sociais ou são vestígios – falas, documentos, dados – por aqueles preparados, construídos, deixados. As fontes remetem para posições e relações sociais, para interesses e pontos de vista, para quadros espácio-temporalmente situados (PINTO, 2000, p. 278).

De acordo com Alcântara, Chaparro e Garcia (2005, p.25), "é da fonte que o jornalista colhe o relato, o testemunho, a opinião, o conteúdo com que se realiza a sua arte maior, a narrativa da atualidade." Ou seja, são as fontes de informação que materializam as notícias e, por isso, elas constroem o jornalismo como se viu até hoje. Por esse poder, os autores afirmam que as fontes "já não protagonizam somente os fatos, mas a projeção desses" (ALCÂNTARA; CHAPARRO; GARCIA, 2005, p. 19).

Lage (2009) também deixa claro que as fontes de informação são fundamentais para o processo jornalístico, uma que vez que a grande maioria das matérias não se desenvolvem apenas com a observação de um jornalista sobre algum fato, ele também precisa ouvir instituições ou personagens que tenham envolvimento com o assunto que o profissional está cobrindo. "É tarefa comum dos repórteres selecionar e questionar essas fontes, colher dados e depoimentos, situá-los em algum contexto e processá-los segundo técnicas jornalísticas" (LAGE, 2009, p. 21).

Como ficou claro, os autores levantados aqui entendem que as fontes jornalísticas podem ser qualquer pessoa ou instituição que possa ter uma informação de interesse público ou que participou e testemunhou alguma ação. Mas, para aprofundar a discussão, os autores fazem classificações das fontes que são usadas pelo jornalismo, os tipos variam de acordo com a função dela na matéria, o local social que ela ocupa, entre outros fatores.

Em sua classificação, Lage (2009) elenca as fontes em sete tipos: oficiais, oficiosas, independentes, primárias, secundárias, testemunhas e experts. As fontes oficiais são aquelas mantidas pelo Estado; as oficiosas são ligadas à entidades ou indivíduos, mas que não podem falar em nome deles; as primárias são as pessoas consultadas pelos jornalistas para fornecerem dados, versões e fatos; as secundárias são as ouvidas durante a construção de pautas; as fontes

testemunhas são aquelas geralmente ligadas à emoção que presenciaram o desenrolar de algum fato e as experts são as pessoas que fornecem interpretações e versões de um evento, sendo geralmente uma fonte secundária.

Schmitz (2011) também faz uma classificação das fontes usadas no jornalismo. Para ele, existem 19 tipos divididos de acordo com a categoria, grupo, ação, crédito e qualificação. Na imagem abaixo pode ser observada a matriz montada por ele:

Figura 1 – Matriz de classificação das fontes

Categoria	Grupo	Ação	Crédito	Qualificação
Primária Secundária	Oficial Empresarial Institucional Popular Notável Testemunhal Especializada Referencial	Proativa Ativa Passiva Reativa	Identificada Anônima	Confiável Fidedigna Duvidosa

Fonte: Schmitz (2011)

De acordo com a categoria, as fontes podem ser primárias ou secundárias, sendo que as primárias são aquelas que estão mais próximas do fato e que fornecem dados para compor as matérias e as secundárias são as que analisam, interpretam e complementam a produção noticiosa. Outra tipificação de fonte é feita a partir do grupo a qual elas pertencem, as oficiais são pessoas que estão em cargos públicos; a empresarial é a que representa alguma corporação; a institucional fala por organizações sem fins lucrativos; a popular é uma pessoa comum que se posiciona por si mesma; a notável são aqueles conhecidos por seu talento ou fama; a testemunhal falam sobre aquilo que vira ou ouviram de algo; a especializada se trata de alguém que possui um saber específico, e a referência são os documentos que o jornalista consulta para desenvolver as notícias.

Schmitz (2011) também divide as fontes pela ação: a proativa é aquele que fornece materiais prontos para os jornalistas, estão sempre disponíveis e oferecem informações com antecedência; a ativa é a que mantém um relacionamento próximo com os jornalistas e fornecem matérias de maneira menos ostensiva que a fonte proativa; a passiva é geralmente uma fonte documental ou que só fornece informações quando procurada; por fim, a reativa é definida

como uma fonte que prefere não dar declarações e evitam estar na imprensa, por estarem ligadas à notícias ruins.

Outra forma de classificação do autor diz respeito ao crédito. A fonte pode ser identificada quando se é informado seu nome e profissão, por exemplo; ou pode ser anônima, quando é feito um acordo com o jornalista para que ela não seja identificada e seu sigilo seja mantido. Para finalizar, Schmitz (2011) também elenca as fontes por qualificação: as confiáveis são as que possuem relação próxima com a imprensa e são acessíveis, as fidedignas são as buscadas pelos profissionais por suas posições de credibilidade e respeitabilidade e as duvidosas são aquelas em que o jornalismo não confia totalmente em sua informação.

Sobre o uso das fontes no jornalismo, Lage (2009) indica que os especialistas devem ser variados, para que não seja usado apenas um discurso único e por isso, uma interpretação única dos fatos. Schmitz (2011) aponta que os oficiais são as preferidas pelos jornalistas, pois elas têm impacto direto no interesse público. O autor também indica que as pessoas comuns são usadas geralmente no papel de vítimas e, principalmente, no jornalismo "sensacionalista". "Na condição de cidadão e consumidor, essa fonte reivindica os seus direitos e utiliza a mídia para intermediar a solução de seus problemas com os poderes público e econômico." (SCHMITZ, 2011, p. 49). Traquina (2005) também fala que os jornalistas possuem suas fontes preferidas, sendo elas as estáveis, regulares e institucionais, uma vez que a profissão é condicionada pelo fator tempo, e esse tipo de fonte é de mais fácil acesso. Sendo assim, apesar de a literatura indicar que qualquer pessoa pode ser fonte de informação e que existem diversos tipos diferentes, que desempenham papéis diferentes, os jornalistas acabam por selecionar as pessoas de fácil acesso, que possuem credibilidade já legitimada e ligação com o poder público.

Há também que se destacar que cada tipo de fonte possui sua característica própria dentro do discurso jornalístico, sua importância e seu peso dentro da matéria. Como já apontado por Schmitz (2011), a fonte oficial é a preferida, pois essas estão diretamente ligadas ao interesse público e transmitem informações para a população. Traquina (2005) também fala sobre essa preferência e indica que isso acontece porque essas fontes adquirem credibilidade com o tempo e contato com os jornalistas. Já as fontes especialistas, de acordo com Schmitz (2011), são contadas por terem um conhecimento específico e para oferecer interpretações de algo, pois elas têm um saber reconhecido.

As classificações dos autores, apesar de diferentes, mostram algumas similaridades: é percebida a presença das fontes oficiais, especialistas e populares em ambas. Além disso, fica

claro que cada uma delas possui uma função específica e se relaciona de forma particular com os jornalistas e possui uma função na construção da narrativa. Conhecer essas diferenças é importante para se entender como são elaboradas as matérias jornalísticas e qual papel as fontes desempenham nelas. Ou seja, tanto fontes oficiais quanto especialistas são contadas por sua importância e para agregar valor à matéria no sentido do interesse público e de análise de fato. Entretanto, as fontes populares e testemunham desempenham outra função, Schmtiz (2011) diz que a fonte popular é uma pessoa comum que fala apenas por si mesma e que, por vezes, é usada no papel de vítima e Lage (2009) diz que os testemunhos são emotivos e têm sua perspectiva particular.

Essa dinâmica no uso das fontes foi percebida por Meditsch e Segala (2005) ao estudarem matérias veiculadas no Jornal Nacional em 2004. Segundo os autores há uma polarização de vozes, enquanto de um lado há fontes advindas do governo e de instituições públicas que fornecem dados e explicações aos jornalistas, na outra ponta estão os cidadãos comuns, que dificilmente fornecem informações relevantes e são usados apenas para ilustrarem as matérias. Sendo assim, pode-se observar que, enquanto as fontes oficiais e especialistas podem falar por muitos e possuem maior credibilidade, o cidadão comum é usado no jornalismo para contar sua vivência pessoal.

Diante desse cenário, se faz necessário discutir a importância da pluralidade de vozes que são usadas no jornalismo, uma vez que ele é um produtor de discursos e que esses, por sua vez, não são apenas reflexos da realidade, mas também a constroem (PELLEGRINI, 2008). Isso porque o discurso jornalístico "é elemento preponderante na própria construção do conhecimento imediato das pessoas, de suas crenças, do modo como veem e interpretam os fatos do mundo, enfim, da realidade social." (PELLEGRINI, 2008). Por esse motivo, Pellegrini (2008) defende que a imprensa deve prezar pelo oferecimento de informações independentes, críticas, confiáveis e que sejam capazes de explicar a vida social para a audiência. Além disso, a multiplicidade de vozes no jornalismo é, de acordo com Karam (1997), algo indispensável para que as pessoas consigam compreender o presente e para permitir uma intervenção consciente no futuro.

Em sociedades democráticas, o jornalismo ocupa uma posição importante por ser o meio com que as pessoas são abastecidas com informações e com interpretações sobre temas políticos e sociais, sendo isso fundamental para o debate qualificado (GOMES, 2018). É através das notícias que os seres sociais podem conhecer o que está acontecendo atualmente e que temas são importantes, ou seja, a imprensa tanto tem o poder de difundir determinado assunto quanto

de o deixar no esquecimento. Ainda segundo Gomes (2018, p. 343), "ao produzir visibilidade sobre temas, problemas e grupos sociais, a televisão, a imprensa e os meios digitais se tornam decisivos na promoção e proteção dos direitos". O mesmo posicionamento é compartilhado por Pellegrini (2008), quando diz que "ao construir o discurso que será socializado, o campo jornalístico se posiciona diante dos demais, relativizando, valorizando ou desfazendo o discurso dos outros". Nesse sentido, Alcântara, Chaparro e Garcia (2005) apontam que existem grupos que sofrem de "exclusão discursiva", como seria o caso de moradores de rua e desempregados, porque eles não são capazes de gerar seus próprios discursos no campo jornalístico.

A questão da presença da diversidade nas produções jornalísticas é uma discussão que envolve a ética da profissão, já que, como visto aqui, a comunicação é indispensável para a democracia e para a construção e compreensão da realidade, então é imprescindível que ela demonstre a pluralidade que existe no mundo.

> A defesa do direito social à informação implica argumentar que a informação, ao construir simbolicamente o mundo, deve expressar a diversidade conceitual com que ele se forma cotidianamente. Isso envolve o reconhecimento de que, na própria informação é necessário que as diversas concepções, versões, culturas e comportamentos estejam presentes (KARAM, 1997, p. 15).

Sobre isso, Pinto (2000) também defende a multiplicação e diversificação das fontes no jornalismo como uma forma de representar a complexificação da vida, pois é através do aumento dos discursos diferentes que é possível o crescimento do volume de informações e da intervenção de novos atores na cena social. Essa discussão se legitima mais ainda quando se pensa na produção jornalística como uma fonte de conhecimento e de construção de sentidos, como defende Pellegrini (2008). "O jornalismo, como o espaço por excelência das mediações sociais, é um dos principais produtores de discursos da sociedade contemporânea, e, portanto, um dos mais importantes agentes de construção de sentidos e significados" (PALLEGRINI, 2008, p. 271).

Por todos esses motivos se percebe que os jornalistas, ao selecionar suas fontes e construir suas notícias, precisam pensar na inclusão de vozes diversas que falem de temas políticos e sociais importantes para o debate na esfera pública, ao invés de sempre preferirem por usar os mesmos atores sociais e, consequentemente, os mesmos discursos. Segundo Traquina (2005, p. 206), o poder dos profissionais não pode ser negado: "O jornalismo e os jornalistas têm poder, consoante a sua posição na hierarquia profissional. Quer seja quer não, o jornalismo é um 'Quarto Poder' que, sobretudo devido ao acesso habitual às fontes oficiais, sustenta o poder instituído e o *'status quo'*."

No próximo tópico, a discussão sobre as fontes no jornalismo será aprofundada com o apontamento sobre o uso delas no telejornalismo, que traz o discurso através do som e da imagem, o que promove um impacto diferente para a audiência. Para isso, será feito um breve levantamento sobre a história do telejornalismo no Brasil, o impacto da imagem na televisão e a importância de se dar espaço para vozes diversas nesse tipo de suporte.

2.1 Fontes no telejornalismo: o impacto da voz e imagem

O aparelho de televisão chegou ao Brasil durante o segundo governo de Getúlio Vargas (OLIVEIRA, 2006), o que permitiu que a história do telejornalismo tivesse seu início no país, uma vez que o "jornalismo sempre foi uma presença importante na programação da televisão brasileira" (COUTINHO, 2015, p. 67). Oliveira (2006) conta que o pontapé inicial para essa história já se iniciava em 1949 quando Assis Chateaubriand fez a importação de 30 toneladas de equipamentos, e em 1950 aconteceu a primeira transmissão, que foi uma bênção do Frei José Mojica. E claro, a inserção desse novo meio de comunicação não aconteceu nos moldes como o conhecemos hoje. "Nos primeiros anos da televisão no Brasil, o telejornalismo tentava se inventar emprestando a linguagem verbal e a imagética de outros veículos e a experiência dos profissionais do rádio" (NEVES, 2015, p. 25).

Sobre esses primeiros passos do telejornalismo, Neves (2015) cita o exemplo do Edição Extra. O programa, com a proposta de oferecer telenotícias, começou sem recursos e com improvisação; as notícias eram lidas de jornais e revistas e as imagens transmitidas para os telespectadores eram recortes de fotografias coladas nas paredes do estúdio, enquanto o profissional fazia a leitura, a câmera focalizada na imagem.

Mas, o primeiro telejornal brasileiro foi ao ar em 1950 na TV Tupi e se chamava Imagens do Dia, ele era narrado por um locutor de rádio e exibia imagens sem edição captadas cotidianamente (OLIVEIRA, 2006). Durante esse período, várias outras produções surgiam no Brasil. "Entre os anos 50 e 60 surgiram vários telejornais. A maioria deles trazia, anexada ao nome, a marca do patrocinador, como o Telenotícias Panair, Telejornal Bendix, Reportagem Ducal, Telejornal Pirelli, entre outros" (OLIVEIRA, 2006, p. 57).

Outro telejornal que representa um marco nessa história é o Repórter Esso, feito em São Paulo e que teve seu início ainda na década de 50 e ficou no ar até 1970, também sendo uma adaptação do que já se conhecia no rádio (OLIVEIRA, 2006; COUTINHO, 2012). Já o Jornal Vanguarda foi o pioneiro na introdução de jornalistas para cuidarem da produção, ele rendeu

ao Brasil um prêmio internacional, sendo reconhecido como um dos melhores jornais do mundo (OLIVEIRA, 2006). Também não se pode deixar de mencionar que o regime militar, que começou em 1964, influenciou no histórico do telejornalismo, que teve que enfrentar com as repressões e censuras do regime. Entretanto, apesar do endurecimento da ditadura na segunda metade da década de 60, novas emissoras de televisão foram surgindo (NEVES, 2015).

A Rede Globo também está muito presente na evolução do telejornalismo no Brasil. Segundo Coutinho (2012) foi o Jornal Nacional, com sua primeira transmissão em 1969, que deu o salto para uma linguagem audiovisual, além de também ter sido o primeiro a ser veiculado em rede nacional. Temer (2012) indica que o telejornal apresentou um novo um modelo - mais clean - e que seu começo coincide com o crescimento de eletrônicos no Brasil e na implantação do crédito ao consumidor, fatos que influenciaram diretamente no aumento do número de telespectadores.

O telejornalismo ocupa um lugar fundamental na sociedade brasileira, segundo Porcello e Sartori (2013, p. 5), ele tem a função de "sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade. Dessa forma contribuem para uma organização do mundo circundante." O trabalho que o jornalista faz diariamente é, em resumo, um trabalho de mediação da realidade para o público. Assim, é importante salientar que o telejornalismo não reflete a sociedade, mas uma construção dela.

> (...) é preciso compreender que os noticiários televisivos apresentam a cada edição não uma janela que permita visualizar o mundo, mas constroem por meio de textos, sons e imagens o mundo por meio de sua janela particular, o que envolve desde as características intrínsecas ao meio, até diretrizes relativas à política editorial da emissora responsável pela produção/veiculação do telejornal (COUTINHO, 2009, p. 107)

Ainda sobre essa função de construção, Oliveira (2006) também concorda que o jornalismo é um local de construção e de circulação de conhecimento e que é nesse espaço que se constrói uma memória coletiva do que é dito e do que é silenciado. Ademais, Coutinho e Mata (2010, p. 65) reiteram que os telejornais desempenham uma função pública. "Os telejornais cumprem claramente uma função pública em um país marcado pela desigualdade no acesso aos bens de consumo e também a direitos essenciais como educação, saúde e segurança". Temer (2012) aponta que o que o brasileiro olha na TV é tomado como uma continuidade da sua vida e que essa é uma forma dele se sentir parte de um contexto maior. Uma afirmação semelhante é encontrada em Vizeu (2009), quando diz que a televisão tem um papel de reforçar que a realidade existe e que os telespectadores não estão sozinhos no mundo. O autor também

destaca que, pelo telejornalismo ser um lugar de referência para as pessoas, então ele também pode ser visto como uma forma de conhecimento.

Ao se falar em construção da realidade, é importante destacar também a importância do telejornalismo na veiculação dos discursos. Rocha (2009), ao falar sobre isso, indica que o que é veiculado na TV é fundamental, pois é através dela que os sentidos e representações ganham grande circulação. Assim, Porcello e Sartori (2013, p. 7) falam sobre uma responsabilidade do jornalismo feito para a televisão. "(...) é preciso reforçar o compromisso social do telejornalismo por seu largo alcance e por levar o mundo à casa das pessoas, informando, questionando e provocando a reflexão crítica sobre os temas que a sociedade deve discutir." Ainda sobre isso, Coutinho (2012) afirma que os telejornais apresentam uma expressão da realidade nacional, pois todos os discursos veiculados na produção, por meio de som e imagem, adquirem visibilidade em todo o país e, por isso, ganham relevância e os entrevistados, por sua vez, são reconhecidos com uma autoridade mediática ou televisiva.

É importante destacar também que o telejornalismo traz um novo elemento para os discursos: a imagem dos entrevistados que, de acordo com Lage (2009, p 38) "Mais do que em qualquer outro veículo, a entrevista televisiva devassa a intimidade do entrevistado, a partir de dados como sua roupa, seus gestos, seu olhar, a expressão facial e o ambiente". Squirra (2004, p. 51) também deixa claro o impacto desse elemento: "(...) a imagem tem papel fundamental na comunicação eletrônica. É indiscutível sua força, capacidade de convencimento, poder de expressão e dramaticidade". A relevância que os telejornais possuem na sociedade brasileira também é reforçado por Gomes (2018, p. 342) quando diz que "no Brasil, há pouquíssima violação pontual que possa resistir a três minutos de denúncias no Jornal Nacional ou no Fantástico (...)".

Após essa discussão da literatura com alguns dos principais autores sobre fontes de informações e telejornalismo, fica evidente que o jornalismo desempenha papel essencial na sociedade por ser um meio de construção de discursos e de visibilidade para grupos e atores sociais e que, por esse motivo, se faz necessário que a produção jornalística seja centrada na diversidade. Para seguir com a revisão de literatura, o próximo capítulo insere mais um elemento nessa discussão: o gênero. Nele, serão trazidas reflexões sobre como as mulheres aparecem na comunicação e quais as problemáticas que já foram observadas tanto quando se fala na produção e cobertura jornalística quanto na presença delas nas redações do país.

3 GÊNERO: UM NOVO ELEMENTO NOS ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO

Conceituar o que seria gênero é um dos principais desafios para autores, já que a conceituação pode ser pensada de diversas formas. Para início dessa discussão, Heilborn (1994, p. 1) afirmou que "Gênero é um conceito das ciências sociais que, grosso modo, se refere à construção social do sexo." Segundo a autora, a qualidade de ser homem ou mulher na sociedade é algo definido pela cultura. Apesar da grande maioria das teorias de gênero se debruçarem sobre homens e/ou mulheres, há também estudos que definem o gênero para além do binarismo. Entretanto, este trabalho vai se ocupar de entender as questões do gênero sofridas pelas mulheres em particular.

Uma das maiores premissas defendidas por Beavoir (1967, p. 9) é a de que "ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade (...)". Desse modo, quando se nasce com o sexo feminino, a sociedade espera por comportamentos já definidos como moralmente corretos. Ou seja, para ser uma mulher há de se cumprir determinadas regras de linguagem, vestimenta, relacionamento e escolher profissões no leque do permitido, por exemplo. No caso dos nascidos com o sexo masculino acontece o mesmo. O homem em sociedade deve ser o que já foi definido séculos atrás: um líder forte responsável por cuidar da casa e da família.

A desigualdade de gênero em que o mundo social está baseado não era algo para se esconder. "Na maior parte da história, essa desigualdade não foi camuflada nem escamoteada; pelo contrário, foi assumida como um reflexo da natureza diferenciada dos dois sexos [..]" (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 17). Ou seja, as desigualdades de gênero não eram – e ainda hoje não são - entendidas como preconceitos do que é ser homem ou mulher e que isso prejudica ambos os lados. Essas desigualdades não são determinadas por fenômenos biológicos, foram criadas socialmente por séculos (MIGUEL; BIROLI, 2014).

Para aprofundar a noção do que é o gênero, Butler (2019), ao problematizar o pensamento de Simone de Beauvoir, defende que ele não deve ser entendido como uma unidade, algo comum que se relaciona com todas as mulheres do mundo. Segundo ela, "se há algo certo na afirmação de Beuvoir de que ninguém nasce e sim *torna-se* mulher decorre que *mulher* é um termo em processo, em devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim". (BUTLER, 2019, p. 69 – grifo da autora).

A autora é firme ao apontar que não se pode entender o gênero como uma categoria isolada, uma vez que existem diversas intersecções de origem política e cultural que atravessem esse sentido.

> Se alguém "é" uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da "pessoa" transcendam a parafernália específica do seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece intersecções com modalidades raciais, classicistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de "gênero" das intersecções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2019, p. 21)

Ao se entender essa questão, se faz necessário também apontar que as mulheres negras enfrentavam a opressão de forma distinta da que foi enfrentada pelas mulheres brancas quando o movimento feminista surgiu. Davis (2016) indica que no século XIX as mulheres brancas enfrentavam uma crescente ideologia da feminilidade, que destacava que o papel feminino era de ser mãe e esposa amável, por outro lado, as mulheres negras enfrentavam o sistema escravagista que a viam como anomalias. "As mulheres não eram 'femininas' demais para o trabalho nas minas de carvão e nas fundições de ferro, tampouco para o corte de lenha e a abertura de valas." (DAVIS, 2016, p. 22).

Em um contexto em que a mulher negra trabalhava de forma indistinta com os homens, até mesmo estando grávidas ou tendo que cuidar de crianças ao mesmo tempo, elas também possuíam outra forma de relação social fora do âmbito do trabalho compulsório (DAVIS, 206).

> Essa era uma das grandes ironias do sistema escravagista: por meio da submissão das mulheres à exploração mais cruel possível, exploração esta que não fazia distinção de sexo, criavam-se bases sobre as quais as mulheres negras não apenas afirmavam sua condição de igualdade em suas relações sociais, como também expressavam essa igualdade em atos de resistência (DAVIS, 2016, p. 35).

Estar cientes dessas diferentes vivências de mulheres brancas e negras é importante também para entender os movimentos feministas que surgiram no mundo e a importância da diversidade dentro deles. De acordo com Hooks (2019, p. 17), o feminismo pode ser definido como "um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão". Freitas (2018, p. 71) aponta que "(...) a agenda dos movimentos feministas se constitui como reação às injustiças sociais, que passam a ser percebidas como um problema (...)". Já Blay (2019) destaca que além do feminismo lutar para descontruir ideologias que desumanizavam as mulheres, ele também estimulou reinvindicações de diversos outros grupos sociais marginalizados, como negros e homossexuais.

Segundo Freitas (2018), o movimento feminista surgiu no Brasil na década de 70, época em que ocorreu uma efervescência dos movimentos sociais. Ele foi trazido para o país após o contato de grupos de exiladas com as lutas que aconteciam na Europa e nos Estados Unidos. No país, os ideais da primeira onda do feminismo, que era o do sufrágio, foram ampliados para incluir outras reinvindicações. A autora também salienta que, em 1970 e 1980, dentro do movimento negro, surgiram os primeiros grupos organizados por mulheres negras. Freitas (2018, p. 22) defende que não existe apenas um feminismo, mas vários, uma vez que "(...) a perspectiva interseccional se faz tão imprescindível por tornar possível que as vozes das mulheres não sejam silenciadas."

No capítulo anterior, em que de discutiu o uso das fontes jornalísticas, foi destacada a importância que o jornalismo tem para a democracia (GOMES, 2018). Freitas (2018) afirma que, na democracia, a teoria política feminista é fundamental, não só para se apontar a necessidade das mulheres votarem e de serem votadas, mas também para entender a autonomia do sujeito e, por meio disso, serem oferecidos condições igualitárias na participação política, na influência dos debates públicos – onde o jornalismo também atua – e para serem reduzidas as hierarquias baseadas no sexo.

Todas essas questões, aliadas com a ascensão do movimento feminista na sociedade, tiveram influência nas pesquisas científicas, e os estudos sobre comunicação e jornalismo também estão incluídos. Rocha e Woitowicz (2013) observam que, com o aumento da presença das mulheres na produção de conteúdo para a mídia, os estudos que envolvem o gênero na mídia e no jornalismo também tiveram um crescimento, apesar de se apresentar de forma mais tímida. Martinez, Lago e Lago (2016) também observam que as pesquisas sobre jornalismo e gênero são esparsas, diferente de outras áreas de estudo. Mas, apesar disso, as autoras afirmam que esse campo de estudo ocupa um lugar fundamental nas pesquisas relacionadas às humanidades.

Em sua verificação sobre os estudos de gênero que estavam sendo produzidos no Brasil, Martinez, Lago e Lago (2016) verificam que eles são feitos principalmente por mulheres, estejam elas dentro ou não do movimento feminista. As autoras também destacam que o campo é interdisciplinar, pois envolve diversas áreas do conhecimento, como história, antropologia, sociologia, psicologia, entre outras. Ao olharem sobre as pesquisas em Jornalismo no banco de dados da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) em 2014, as autoras observaram que os trabalhos apareciam de forma incipiente e, quando apareciam, não dialogavam consistentemente com as pesquisas no campo dos estudos de gênero.

Até aqui, viu-se que a problematização do gênero e o surgimento de movimentos que buscavam o fim do sexismo e de uma sociedade mais igualitária também contribuiu para a área científica, onde se teve o nascimento de um campo de estudos voltado para a temática de gênero e do feminismo. Nesse sentido, o próximo tópico traz uma revisão de literatura sobre a entrada das mulheres no jornalismo e os problemas que elas enfrentam no cotidiano.

3.1 A atuação da mulher no jornalismo

Durante a primeira onda do feminismo, além da luta pelo direito de poder votar, as mulheres também queriam exercer uma profissão fora de casa. Foi a partir da década de 60 que as mulheres puderam trabalhar sem se sentirem envergonhadas, até porque a aceitação delas no mercado se deu pelo aumento da demanda de mão de obra e por trabalharem como homens por um salário menor (SOUZA, 2019). Faz-se necessário abrir um parêntese aqui para destacar que as mulheres negras, obviamente, vivenciaram outro contexto relacionado ao mundo do trabalho, já que algumas, desde a infância, tiverem que exercer o trabalho compulsório, devido ao sistema escravagista. Além disso, também existiam as mulheres filhas de agricultores que eram exploradas em fábricas e passavam por situações insalubres (DAVIS, 2016).

Para as mulheres que não podiam exercer uma profissão, a legitimação do trabalho, a partir dos anos 60, é contemporânea à criação dos primeiros cursos de Jornalismo no Brasil (SOUZA, 2019). Rocha e Sousa (2011) apontam que a presença das mulheres no jornalismo aconteceu junto com a introdução delas no mercado de trabalho em nível internacional e que a procura por cursos superiores, por parte delas, também contribuiu para a feminização da profissão. Essa transformação, entretanto, não ocorre em todos os setores do jornalismo de forma igual. “A feminização ainda ocorre em maior número em áreas menos prestigiadas ou mais recentes. sendo menor nos setores tradicionais como rádio e jornal impresso” (ROCHA, SOUSA, 2011, p. 16).

Segundo Rocha e Woitowicz (2017), o início da produção das mulheres na imprensa, no século XIX, se deu pela publicação de temas como participação política, direito à educação e mudança de costumes, ou seja, temas que atravessam os movimentos feministas. Ademais, em um primeiro momento, as mulheres obtiveram espaço nas redações jornalísticas usando pseudônimos e disfarces para fazer a cobertura de matérias, sendo que esse era o modo que elas viam para driblar preconceitos de um espaço que era masculino (SANTOS; TEMER, 2016). Porém é importante destacar que a entrada da mulher no mercado da comunicação não a levou a espaços diferentes ao que se é considerado “feminino”.

> [...] até os anos 60 as mulheres entravam na redação confirmando o seu papel feminino, ocupando espaço nos cadernos ou nas revistas femininas, nas seções de moda, de receitas culinárias, de conselhos sobre educação infantil e comportamento familiar, ou escrevendo crônicas e contos voltados para o público feminino. Os assuntos "sérios" eram reservados aos homens (ABREU; ROCHA, 2006, p. 11).

Ao se falar sobre a feminização do jornalismo, Rocha e Woitowicz (2017) deixam claro que o mercado de trabalho não representava um espaço fácil para elas, pois o que se observou foi uma precarização do trabalho e isso, junto com o crescimento da juvenização da profissão, faz com que as diferenças entre homens e mulheres se acentue na área.

Atualmente, as mulheres são a maioria nas redações brasileiras, mas apesar disso, elas ainda enfrentam diversas diferenças se comparadas aos homens (ROCHA, WOITOWICZ, 2017). De acordo com os dados da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro, apesar das as mulheres corresponderem a dois terços do total dos jornalistas do país, as mulheres brancas recebem menos que os homens brancos e as mulheres pretas são as que têm os menores salários, mesmo que elas tenham jornadas de trabalho similar (PONTES, 2017). Sobre essa diferença salarial, Souza (2019) explica que isso pode se dever também ao fato dos homens serem mais presentes em cargos de chefia, como observado por Pontes (2017) que, ao analisar as funções que essas mulheres desempenham, concluiu que as mulheres estão em cargos de produtoras e repórteres, enquanto os homens são mais vistos atuando como fotojornalistas, colunistas e em cargos superiores, como de diretores e coordenadores.

Sobre isso, Rocha e Woitowicz (2017, p. 10) destacam que "disparidades salarias, jornada de trabalho, acesso a auxílios, cargos de maior prestígio, tempo de escolarização, entre outros aspectos denunciam relações desiguais no mercado profissional, que são acentuadas quando articuladas com questões de raça".

A falta de mulheres em cargos de chefia também pode ser um agravante para a falta de pautas feministas e coberturas com viés machista, uma vez que "são os líderes que distribuem o trabalho de reportagem na redação" (SANTOS; TEMER, 2016, p. 39). Isso também pode contribuir para a naturalização do machismo na mídia, presente na sexualização das propagandas, na romantização da dupla jornada de trabalho pelas novelas e atenuação de violências de gênero no jornalismo (CHAVES, 2015).

Em entrevistas com grandes nomes femininos do jornalismo no Brasil, presentes no livro organizado por Abreu e Rocha (2006), há o apontamento de diversos problemas enfrentados pelas profissionais, como a falta de mulheres na chefia, o espanto de outros quando isso acontecia, as dificuldades em manter a dupla jornada, críticas ao modo de se vestir, falta

de reconhecimento como profissional, entre outros. A divisão do trabalho na comunicação é marcada por hierarquização de gênero e valorização de atributos masculinos, o que corrobora para que homens alcancem mais espaços de poder (VEIGA, 2012).

Além disso, as experiências no cotidiano profissional são diversas. As que denotam machismo são relatadas, especialmente, na relação com as fontes de informação e superiores (ABRAJI, 2018). Ademais, as profissionais acabam discriminadas pela associação de que a maternidade resulta em falta de comprometimento (SILVA; GONÇALVES, 2018), o que se explica pela sobrecarga no cuidado dos filhos, que as fazem assumirem uma dupla, ou tripla, jornada (SANTOS; TEMER, 2016).

Sobre os estereótipos, no caso das fotojornalistas, por exemplo, criou-se uma ideia de que é uma atividade masculina (SILVA; GONÇALVES, 2018). E há também discriminação na distribuição de pautas, em que os homens são vistos como aptos para temas *hard* e mulheres para *soft* (VEIGA, 2012). Entretanto, é importante salientar que essa divisão de pautas não foi algo observado por Lima, Santos e Tavares (2019), ao estudarem redações de cidades de interior, Imperatriz e Balsas no Maranhão, onde as mulheres atuam em todas as editorias, o que pode ter a ver com o menor número de profissionais na equipe. Diversos problemas que as mulheres enfrentam no trabalho cotidiano das redações também foram observador por Lima, Santos e Tavares (2019) ao olharem para essas redações menores, alguns são o assédio por parte de fontes de informação, piadas machistas, críticas à aparência e falta de respeito e confiança por parte de colegas de trabalho. Além disso, já foi visto que as profissionais jornalistas também têm dificuldade de ascensão, precisando sempre "provar" conhecimento (ROCHA, 2004).

Esses pontos levantados pela literatura que estudam o ingresso das mulheres nos espaços de comunicação reforçam a ideia de que as dificuldades de acesso às posições de poder, fora do âmbito familiar, permanecem no mundo do trabalho (BIROLI, 2018). Neste tópico fica claro que a entrada das mulheres no mercado de trabalho, com destaque para o cenário das redações jornalísticas, não representou muitos ganhos para elas, que ainda recebem menos, estão ausentes nos cargos de chefia e lidam com estereótipos, por exemplo. No próximo tópico, a discussão avança para o que se tem encontrado como problemáticas de representação feminina no conteúdo produzido pelo jornalismo e a implicação que isso causa na sociedade.

3.2 Os problemas de gênero na produção jornalística

Além dos obstáculos enfrentados pelas mulheres na atuação como jornalista, é necessário também entender como elas são representadas. De acordo com Hedler, Cervi e Hedler (2011), é importante verificar como meios de comunicação divulgam os direitos das mulheres e as transformações que estão acontecendo na sociedade, como também perceber se os jornalistas estão perpetuando estereótipos. Nesse sentido, Hendel (2017) afirma que o problema da representação da mulher está além de como ela aparece no jornalismo.

> A discriminação não se expressa apenas na forma como elas são descritas ou na posição em que elas se situam, mas também no pouco ou nenhum significado que se dá às notícias nacionais e internacionais que permitiriam associar e produzir uma maior sensibilização na relação com a universalidade do exercício do patriarcado sobre a liberdade e os direitos das mulheres. (HENDEL, 2017, p. 336, tradução nossa).

Alguns estudos já existentes, que pretendem abordar como a desigualdade aparece no conteúdo jornalístico, já demonstram que a produção carrega estereótipos (SARMENTO, 2012), diferenças na cobertura das candidatas (MIGUEL; BIROLI, 2011) e ausência de fontes mulheres (JOHN, 2014), por exemplo.

Ademais, ligada à ausência de mulheres como fontes, quando elas enfim aparecem, isso é feito de forma a disseminar desigualdades ligadas ao gênero e estereótipos ou elas apenas estão presentes como vítimas de violência, ora sem contexto, ora como forma de trazer audiência (MORENO, 2017). De acordo com Cerqueira (2008), a seleção de qual fonte vai aparecer nas matérias é desigual, e, muitas vezes, isso significa que as mulheres aparecem como vozes "invisíveis" ou "visíveis", mas sem serem protagonistas das notícias.

Em um estudo sobre as notícias de jornais de Portugal, veiculadas no Dia Internacional da Mulher, Cerqueira (2008) percebeu que não há pluralidade de fontes femininas nas matérias, que elas aparecem em espaços menores nas páginas e que aparecem, majoritariamente, em editorias menos relevantes dos jornais, ficando de fora da política, economia e esportes. Hendel (2017) também afirma que as editorias de economia e esportes seguem sendo um espaço de dominação masculina.

Ao verificar como se dava a representação de homens e mulheres em revistas e jornais impressos, Rocha e Woitowicz (2013) observaram que, nas revistas, ainda há a perpetuação dos estereótipos de mulher e do homem. Sobre os jornais impressos, elas perceberam que, apesar do equilíbrio entre homens e mulheres como jornalistas e na produção de conteúdo, isso não se reflete nas escolhas editoriais, já que existe uma desigualdade na presença e no tratamento das fontes. Para as autoras as matérias que foram analisadas "podem ser compreendidas como espaços de construção das relações de gênero, ao tecerem imagens, darem voz ou silenciarem

as mulheres em seu trabalho cotidiano de representação da realidade." (ROCHA, WOITOWICZ, 2013, p. 12).

Quando se fala em tecnologia, a presença de mulheres é praticamente rara. Rocha e Dancosky (2016), quando pesquisaram as matérias que saiam nessa editoria nos principais jornais brasileiros - Folha de S. Paulo, Gazeta do Povo, Correio Braziliense e O Estado de S. Paulo – viram que nenhuma matéria era assinada por mulheres e, dessas, apenas uma tratava sobre questões de gênero, porém, ainda com marcas de estereótipo, falta de fontes femininas e de problematização sobre o tema. Para elas, esses resultados não representam a realidade brasileira, já que, na época, as mulheres representavam mais de 40% da população economicamente ativa e elas poderiam ser potenciais consumidoras.

Sobre a editoria de política, diversos estudos apontam que as mulheres desse campo são, frequentemente, representadas de forma estereotipada na mídia. Muitas vezes, a cobertura sobre mulheres na política dá destaque a aspectos como a aparência e a vida familiar, o que não é percebido quando se trata de homens (DANTAS; RUBIM, 2018). Esses discursos são resultado das expectativas sobre comportamento, aparência e competências que são atribuídas às mulheres de acordo com uma construção cultural (HOLTZ-BACHA, 2013). Além disso, uma construção de imagem ruim das mulheres em cargos políticos pode influenciar na carreira delas, já que o destaque na mídia é correlato ao destaque no campo político (MIGUEL; BIROLI, 2011).

Também é perceptível que, em assuntos que são pautas do movimento feminista, a construção das notícias se dá de forma enviesada, como é o caso das notícias que envolvem o aborto. Foi por esse motivo que a ONG feminista, criada em 2013, Think Olga, criou um minimanual para ajudar jornalistas a desenvolverem notícias sobre o aborto. O texto, de 2017, foi criado pela jornalista Nina Neves com consultoria do ANIS – Instituto de Bioética. Nesse manual é apontado que os veículos de comunicação precisam tratar o aborto como uma questão de saúde pública, não como assunto de polícia. Além disso, o minimanual informa que as notícias, além de deverem prestar informações ao leitor sobre o aborto legal, também devem utilizar fontes especialistas sobre o assunto, incluindo feministas.

Nesse sentido, Hooks (2019) tece uma crítica à grande imprensa ao dizer que a "mídia de massa patriarcal" não se interessava pelas ideias revolucionárias do feminismo. "Trabalhos como *Feminist Theory: From Margin To Center*, que oferece uma visão libertadora de transformação feminista, jamais recebe a atenção da grande imprensa" (HOOKS, 2019, p. 22 -

grifo do autor). De acordo com Moreno (2017, p. 79), a mídia tem um papel na obtenção dos direitos das mulheres: "Cabe à mídia dar uma grande contribuição para o avanço das mulheres, rumo à sua efetiva equidade". A autora também reforça a importância da mídia na formação social.

> A mídia atinge a população, contribuindo [..] para a formação da subjetividade de homens, mulheres e crianças, ajudando a compor uma imagem introjetada dos papéis sociais, da aparência, dos sonhos e desejos, da posição a tomar em caso de alguma informação política etc. A mídia representada, muitas vezes, a única ou principal fonte de informação – e de formação da opinião – da sociedade. (MORENO, 2017, p. 73).

Sobre a ausência da participação feminina no jornalismo, Hendel (2017) afirma que isso é um problema, pois a mídia devia ser um espaço justo e de equidade, quando não é, ela acaba por reproduzir os discursos do sistema dominante e seus interesses, que apesar de serem tomados como interesses de toda a sociedade, eles não são. Além disso, a autora problematiza o uso da visão masculina como se fosse algo neutro, sem gênero e objetivo, uma vez que isso legitima uma interpretação única dos acontecimentos.

Segundo Moreno (2017), no que diz respeito à aparição das mulheres em telejornais, elas, frequentemente, aparecem como vítimas ou testemunhas anônimas nos noticiários, poucas vezes as mulheres aparecem como fonte especialista. Isso denota que é difícil ouvir opiniões e ideias de mulheres sobre assuntos como economia e política no jornalismo, por exemplo. A autora também afirma que os valores que o jornalismo apresenta das mulheres poderiam corresponder ao século passado, porque a situação e as demandas da mulher no mundo contemporâneo são pouco vistas. "[...] a seletividade das imagens, discursos e realidades das mulheres, hoje, corresponde a, por um lado, uma invisibilidade seletiva do que não interessa à mídia amplificar, cerceando o direito universal à expressão" (MORENO, 2017, p. 37).

Marino (2018), ao estudar matérias do Jornal Nacional do mesmo ano, percebeu discrepâncias no uso de homens e mulheres como fontes de informação. Segundo ela, menos de um terço dos entrevistados no telejornal são mulheres e, ao se fazer um recorte interseccional, o número de mulheres negras é ainda menor, apenas oito foram ouvidas. Ela também percebeu que a grande maioria das mulheres são "populares" e estão no papel de vítima, sendo que as mulheres negras só não aparecem como vítimas ao se analisar matérias sobre o carnaval. Ela também aponta que raramente as mulheres aparecem como e*xperts*. Além disso, a condução dos VT's é feita, em sua maioria, por homens. Um cenário parecido foi encontrado em 2004 também no Jornal Nacional, de acordo com os resultados da pesquisa feita por Meidtsch e Segala (2005), ao olharem as fontes usadas, viram que a maioria das vozes eram

de homens e que, quando aparecem, as mulheres ocupam o lugar de cidadã comum e apenas emitem sua opinião. A falta de mulheres como especialistas em algum assunto também foi resultado do estudo de Pereira, Caleffi e Albertini (2018) ao olharem para o telejornal "Boa Noite, Paraná", em que 157 especialistas foram ouvidos, mas apenas 20 eram mulheres. Os autores também evidenciaram uma masculinização na redação da RCP-TV, já que a ampla maioria dos repórteres são homens.

Na bancada dos telejornais também já foram evidenciadas questões de gênero, Fairfan (2015), ao realizar um levantamento biográfico de 13 âncoras que fizeram parte da história do telejornalismo brasileiro identificou que, no início, as mulheres imitavam comportamentos e imagens masculinas para se encaixarem numa profissão que era marcada por homens, isso era visto no corte de cabelo curto e nas vestimentas formais, por exemplo. Foi apenas com a feminização da profissão que elas puderam se desvincular dessa reprodução do masculino. A autora também aponta que as mulheres tinham dificuldades de conciliar a vida profissional e pessoal e que a conquista de cargos de chefia é um desafio.

A partir dos apontamentos feitos, pode-se dizer que o jornalismo não só acarreta diversas dificuldades para as mulheres que atuam na área, como também apresenta em seu conteúdo desigualdades, estereótipos e ausência de discursos diversos e inclusivos. Pensando nisso, esta pesquisa se dedica a verificar como isso acontece na mídia local, ao estudar o JMTV 1° Edição – da cidade de Imperatriz -, e em nível nacional através da análise do Jornal Hoje. Sendo assim, o próximo capítulo apresenta a metodologia e as ferramentas que foram utilizadas para realizar uma análise de conteúdo dos telejornais afim de ver como as fontes femininas aparecem.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa desenvolvida neste trabalho trata de um caminho que já estava sendo seguido pela autora, que integra o grupo de pesquisa em Comunicação, Política e Sociedade (COPS), da Universidade Federal do Maranhão. No ano de 2019, foi realizado um trabalho para entender como se dava o cotidiano profissional das mulheres jornalistas que atuavam em Imperatriz – MA e depois em Balsas – MA. O estudo trouxe resultados pertinentes que mostram que elas sofrem com diversos obstáculos durante a produção de pautas e dentro das redações, com colegas de trabalho, incluindo episódios de assédios. Após essa observação, o novo objetivo para entender as questões que envolvem o gênero no jornalismo é verificar como as mulheres aparecem no conteúdo jornalístico.

Para isso, decidiu-se analisar o uso de fontes de informações no telejornalismo, para entender em quais tipos de matérias as mulheres aparecem e que papel elas desempenham nas notícias televisivas. Após a delimitação do tema, a escolha dos telejornais foi feita. Primeiramente, pensou-se em estudar o jornal local da cidade de Imperatriz – MA, da TV Mirante, afiliada à Rede Globo, entretanto, ele não está disponível na plataforma de *streaming* Globoplay e a coleta das edições se tornou inviável, por isso, optou-se por usar o JMTV 1° Edição, que é gravado na capital do estado, em São Luís – MA, e que tem todos as edições disponíveis na plataforma online. Além disso, o Jornal Hoje também foi escolhido para integrar o *corpus*, para efeito de comparação entre um jornal local e um de nível nacional, ambos pertencentes à mesma rede. O uso de telejornais vespertinos se deu a partir do que Hendel (2017) apontou ao dizer que, geralmente, os telejornais transmitidos ao meio-dia seriam pensados para as mulheres, já que elas estariam em casa. Sendo assim, espera-se que se encontre mais mulheres nas matérias, já que, segundo Felippi (2008), as estratégias de discurso para interpelar os leitores, a relação do jornal com a comunidade a qual ele pertence e procura abarcar nas páginas são alguns dos fatores envolvidos na produção da notícia.

Realizada as escolhas do tema, objetivo e dos objetos, o método elegido para que o objetivo da pesquisa fosse alcançado foi a Análise de Conteúdo (AC). Segundo Bardin (2006), esse tipo de análise é efetivo para estudos em comunicações, até porque ela disponibiliza várias formas de análise e é adaptável. De acordo a autora, "(...) a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens" (BARDIN, 2006, p. 38). Sousa (2004) afirma que esse método permite que sejam vistas questões acerca das representações de minorias. Além disso, de acordo com ele: "outra vantagem deste tipo de pesquisa é o facto de trabalhar com valores essencialmente quantificáveis, definidos por categorias estabelecidas e comprovadas em estudos similares" (SOUSA, 2004, p. 663).

Sendo assim, de acordo com a literatura e com a pergunta que se pretende responder neste estudo, a análise de conteúdo se mostrou um método adequado. Além disso, uma pesquisa bibliográfica foi realizada anteriormente, para que fosse possível elencar diversos autores que discutem os temas abordados aqui. A seguir, os próximos tópicos se debruçam sobre os objetos de estudo que foram escolhidos e sobre o processo de escolha da amostra e da definição da categorização que foi utilizada.

4.1 Os objetos de estudo

Os telejornais escolhidos para a análise neste trabalho pertencem à Rede Globo, que é uma das maiores redes de televisão brasileira. Segundo Souza e Silva (2013), a rede, fundada por Roberto Marinho, iniciou suas atividades em 26 de abril de 1965 e em 1969 ela se efetiva nacionalmente com emissoras afiliadas por todo o país. De acordo com os autores "nenhum outro órgão de mídia tem o alcance da Rede Globo" (SOUZA e SILVA, 2013, P. 180). Em sua página institucional, a emissora informa que, em 2011, ela cobria 98,44% do território nacional, atingia 5.482 municípios e a 99,50% da população brasileira. Sobre a produção jornalística, a TV afirma que produz mais de 1.800 horas anuais de telejornalismo.

No Maranhão, a afilada à emissora é a TV Mirante, responsável por produzir o JMTV 1ª Edição, um telejornal regional transmitido em todo o estado. Neste estudo, a edição analisada é a produzida na cidade de São Luís, capital do estado. Segundo Medeiros (2019), ele é líder de audiência no horário, possui 6 milhões de telespectadores potenciais no Maranhão - número que corresponde a 99% da população – e é transmitido em 48 municípios maranhenses. Na página da internet sobre o telejornal, disponível no Negócios Globo, ele é definido como "um jornalismo que tem a parceria da comunidade e que destaca os problemas diários enfrentados pela população maranhense" (JMTV 1° EDIÇÃO, s/d). O jornal vai ao ar de segunda a sábado às 12 horas e conta com a apresentação de Ana Guimarães e Júnior Albuquerque.

Além dele, também será analisado o Jornal Hoje, da mesma emissora, mas de nível nacional. Esse é um dos telejornais mais antigos da Rede Globo, ele foi ao ar pela primeira vez no dia 21 de abril de 1970 e nasceu com uma proposta de ser uma revista feminina (TEMER, 2012). De início, o Jornal Hoje era um telejornal local exibido apenas no Rio de Janeiro, mas logo começou a ser transmitido em todo o país. Foi na década de 80 que o conteúdo do jornal sofreu alterações, para incluir mais notícias diárias além de matérias de arte, cultura e reportagens especiais, e em 1991 o formato já contava com uma porcentagem de 90% de notícias do dia-a-dia (NEVES, 2015). Segundo a página online, Negócios Globo, o telejornal "mostra o cotidiano das cidades, informações sobre política, economia e cultura, prestação de serviços, defesa do consumidor e opções de lazer." (JORNAL HOJE, s/d.). Atualmente, ele é transmitido após o Globo Esporte com a apresentação de Maria Júlia Coutinho.

Conhecidos os objetos de estudo, o tópico a seguir se dedica a descrever como ocorreu o processo de escolha da amostra das edições disponíveis online dos dois telejornais, a definição do livro de códigos e, consequentemente, das categorias que serão analisadas para verificar a presença das mulheres entre as fontes de informações consultadas no período analisado, que compreende o ano de 2019.

4.2 A amostra e categorização dos dados

Para verificar como as mulheres aparecem como fontes de notícias nos telejornais, foi escolhido o ano de 2019 como o período de análise, entretanto, como essa delimitação é extensa, optou-se por fazer uma amostra. De acordo com Sousa (2004), quando se quer estudar um jornal durante um ano, não é recomendado que se faça uma amostra com dias corridos, já que isso pode enviesar os resultados no caso da ocorrência de algum acontecimento que provoque o aumento ou diminuição do tema que está se pesquisando. Além disso, o autor também afirma que quando se estuda fenómenos abundantes, não é necessário estabelecer períodos prolongados, nesse sentido, também já foi observado que amostra de mais de 12 jornais não aumenta significativamente a exatidão da aferição. (STEMPEL, 1952 *apud* SOUSA, 2004). Por isso, fez-se um ano construído dos telejornais em 2019, sendo 24 edições coletadas do JMTV 1ª Edição e 24 do Jornal Hoje.

A construção da amostra se deu da seguinte forma: a) nos meses de número ímpar foram escolhidos dias entre a semana 1 e 3 do mês, enquanto nos meses de número par foram escolhidos dias entre as semanas 2 e 4; b) a coleta se inicia no primeiro dia do ano, uma terça-feira, sendo assim, se salta 1 dia e a próxima data a ser analisada é uma quinta-feira de janeiro; no mês seguinte a coleta se inicia numa quarta-feira, se salta 1 dia e a próxima data é de uma sexta-feira de fevereiro, e assim sucessivamente. Dessa forma, pode-se coletar programas com dias da semana distintos. Ao todo, 48 edições foram coletados, 24 sendo do JMTV 1ª Edição e 24 do Jornal Hoje.

Este trabalho, apesar de utilizar um material audiovisual, vai se limitar apenas às mensagens que constroem o discurso jornalístico nas matérias dos telejornais. Ou seja, para a categorização, vai ser observado o texto oral dos jornalistas e das fontes de informações. O texto a ser analisado vai compreender apenas as matérias que incluem falas de fontes de informações dando entrevistas, ou seja, notas de esclarecimento lidas pelos apresentadores e demais documentos não são levados em consideração. Além disso, as entrevistas consideradas são as transmitidas em VT's, entrevistas em estúdio ou links ao vivo, assim, quadros e reportagens especiais não serão somados à amostra. Após todos esses recortes, chegamos ao total de 183 matérias coletadas do Jornal Hoje e 246 do JMTV 1ª Edição, somando um total de 429, que compõem o *corpus* deste trabalho.

Para a categorização, foi desenvolvido um livro de códigos baseado na codificação feita pelo *Global Media Monitoring Project* (WACC, 2020), que busca analisar a representação da

mulher no jornalismo mundial. Entretanto, nesta pesquisa foram feitas algumas modificações para que ele fosse mais bem adaptado para a nossa realidade. É importante destacar que foi feita uma coleta teste para assegurar a efetividade das variáveis e categorias, e a partir daí foram feitos os ajustes necessários. No fim, o livro de códigos ficou com um total de 16 variáveis, incluindo dados gerais sobre data e assunto, formato, temas, sexo e tipo de fontes, além disso, há recorte de temas que incluam questões de gênero, entre outros.

A primeira parte do livro de códigos diz respeito aos dados gerais das notícias dos telejornais, sendo eles a data de exibição, o assunto principal da matéria, o formato – VT, entrevista em estúdio, stand up/link ao vivo e nota coberta. Depois disso, cada uma das reportagens foi classificada em um tema, que poderia ser: **política**, quando apresenta relação com os três poderes; **economia**, que são relacionadas a emprego, salário, preços, movimentos da bolsa, produção agrícola ou pecuária, etc.; **saúde**, se abordar o sistema público de saúde, doenças, dados da saúde pública, campanhas de prevenção ou vacinação, etc.; **educação**, quando a matéria envolve a educação pública ou privada; **minoria social**, se fala sobre minorias como deficientes, idosos, negros, etc.; **infraestrutura urbana**, quando apresenta questões sobre obras urbanas, transporte, moradias, vias urbanas, etc.; **violência e segurança**, quando envolve crimes, sistema presidiário, dados sobre segurança, combate à violência, etc.; **acidentes**, se abordar casos de acidentes domésticos, no transporte, fenômenos naturais, etc.; **meio ambiente**, se envolve questão ligadas assuntos ambientais, como prevenção, devastação e impactos ambientais, etc.; **esportes**, se a matéria fala sobre esportes, competições e entidades do meio; **entretenimento/cultura**, quando são matérias sobre beleza, música, cinema, cultura local, etc.; **universo feminino**, se tratam sobre maternidade, atividades domésticas, etc. e **outro**, quando a matéria não pode ser classificada em nenhuma das categorias elencadas. Além disso, foi verificada a abrangência das matérias, podendo ser **local**, se for sobre a cidade onde o jornal é produzido; **regional**, se diz respeito a outras cidades do estado; **nacional**, se é uma matéria sobre outros estados e **internacional**, quando envolve questões de outros países.

Ademais, também foram incluídas categorias para identificar as reportagens que possuem perspectivas de gênero, ou seja, se elas mencionam alguma das questões sociais que envolvem os problemas de gênero. Se a matéria possuir essa perspectiva, também se especifica se fala sobre **violência contra a mulher**, quando aborda casos de violências, índices, etc.; **direito das mulheres**, se levanta decisões, debates e demandas sobre direitos das mulheres; **mulher na política**, sendo matérias que envolvam mulheres políticas, índices sobre mulheres na política, etc.; **saúde da mulher**, quando a notícia trata de assuntos como gravidez,

ginecologia, aborto, etc.; **mulher no mercado de trabalho**, quando discute sobre o espaço das mulheres nas profissões; **ativismo feminino**, quando aborda movimentos das mulheres protestando e reivindicando direitos, etc. Se a matéria trata sobre direitos, também é especificado se é sobre igualdade salarial, aborto, espaço profissional, espaço político, segurança, discriminação ou outro. Por fim, as matérias são avaliadas por valência, podendo ser **positiva**, se trata da questão sob uma boa ótica; **negativa**, se apresenta argumentos contrárias às pautas; **neutra**, quando se atém apenas a informar um fato ou **equilibrada**, quando apresenta argumentos em favor e contra.

Feita a parte da tematização das notícias, o próximo passo foi buscar um breve perfil das fontes usadas nos telejornais. De início, foram levantadas a quantidade total de fontes consultadas nas matérias e a quantidade de mulheres. Depois, as quatro primeiras fontes foram analisadas a partir de diferentes variáveis. Esse número foi escolhido a partir da coleta teste, quando foi verificado que os telejornais apresentam uma média de 3,5 fontes por matéria. Na análise das fontes, primeiramente, é identificado o seu sexo[1], após isso é elencada a sua função, podendo ser **assunto da matéria**, quando a fonte é a razão da notícia; **oficial**, se a fonte é uma representante oficial de alguma entidade pública ou privada; **especialista**, quando é ouvida por ser um especialista no tema; **testemunha**, se a fonte presenciou o fato que é tema da matéria; **opinião/relato**, quando a pessoa é consultada para ilustrar a matéria com alguma opinião pessoal ou relato de experiência; **não sabe dizer**, se não é deixado claro a função da fonte ou **outro**, quando ela não se encaixa nas outras categorias. Também é identificado se a fonte de informação foi entrevistada por possuir algum parentesco familiar com outro personagem da matéria e se a pessoa foi consultada por ser vítima, podendo ser de violência doméstica, psicológica, sexual, física, de acidentes ou doenças, violência não doméstica (furto e roubo), de discriminação ou outro tipo.

Toda essa categorização foi realizada pelo programa Excel, assistia-se as edições dos telejornais e fazia-se a coleta manualmente. Após isso, os dados obtidos foram transferidos para o programa SPSS para gerar as tabelas e gráficos que foram formatadas depois e incluídas nos resultados deste trabalho.

Sendo assim, a metodologia usa a técnica de AC para definir, através dos textos orais das matérias exibidas, qual os temas frequentes nos telejornais, se há a presença de discussões sobre questões de gênero e levanta que função as quatro primeiras fontes possuem no discurso

[1] Aqui adotou-se a categoria "sexo" por se entender que gênero seria algo autodeclarado.

jornalístico. Dessa forma, o capítulo seguinte apresenta os dados resultantes da coleta, distribuídos em tabelas e gráficos gerados a partir dessa categorização e as devidas discussões que eles trazem à tona.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste trabalho, foram coletadas 183 matérias do Jornal Hoje e 246 do JMTV 1ª Edição no ano de 2019, somando assim um total de 429 notícias televisivas analisadas. O método utilizado, a Análise de Conteúdo, permitiu que fossem obtidos diversos dados sobre os telejornais e que fossem feitos alguns cruzamentos para entender o que está sendo veiculado aos telespectadores. Esta análise se inicia com a observação dos tipos de formatos que aparecem durante o período, como pode ser visto na tabela 1 abaixo.

Tabela 1 – Formatos de notícias veiculadas nos telejornais

Formato	**Jornal Hoje**		**JMTV 1ª Edição**		**Total**	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
VT	172	94.0%	238	96.7%	410	95.6%
Stand Up	9	4.9%	8	3.3%	17	4.0%
Nota Coberta	2	1.1%	0	0.0%	2	0.5%
Total	183	100.0%	246	100.0%	429	100.0%

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A tabela demonstra que o uso dos VTs é o tipo de formato mais usado nas edições dos jornais. No Jornal Hoje foram veiculados 172 VTs (94%), 9 stand ups (4.9%) com entrevista e 2 notas cobertas (1.1%). Já no JMTV 1ª Edição, são 238 VTs (96.7%) e 8 stand ups (3.3%) - nenhuma nota coberta com a inclusão de entrevistados foi encontrada. Os VTs são produções que incluem a passagem de repórteres, o off e entrevistas com fontes de informações, além das imagens de apoio, sendo esse o tipo mais comum no telejornalismo para transmitir as notícias do dia que são produzidas em externas pelos repórteres. Os stand ups são links ao vivo comandados por um repórter e que, em alguns casos, incluem uma entrevista. Já as notas cobertas são produções curtas, apenas com imagens de apoio e apresentadas pelo âncora do jornal, nos dois casos analisados as imagens incluíam falas de fontes de informações. É percebido que o número de VTs do JMTV 1ª Edição é superior ao do Jornal Hoje, isso se deve ao fato de o último incluir mais a entrada de repórteres ao vivo, em várias partes do país, o que geralmente não incluía fala de terceiros.

Na tabela abaixo, será observado quais os temas de notícias mais foram explorados pelos dois telejornais em 2019.

Tabela 2 – Temas de notícias presentes nos telejornais

Tema	Jornal Hoje		JMTV 1ª Edição		Total	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Política	34	18.6%	3	1.2%	37	8.6%
Economia	30	16.4%	23	9.3%	53	12.4%
Saúde	10	5.5%	26	10.6%	36	8.4%
Educação	7	3.8%	10	4.1%	17	4.0%
Minoria Social	6	3.3%	11	4.5%	17	4.0%
Infraestrutura urbana	7	3.8%	50	20.3%	57	13.3%
Violência e Segurança	32	17.5%	35	14.2%	67	15.6%
Corrupção	5	2.7%	4	1.6%	9	2.1%
Acidentes	22	12.0%	11	4.5%	33	7.7%
Meio ambiente	11	6.0%	10	4.1%	21	4.9%
Esportes	1	0.5%	6	2.4%	7	1.6%
Entretenimento/Cultura	16	8.7%	50	20.3%	66	15.4%
Universo feminino	0	0.0%	0	0.0%	0	0.0%
Outro	2	1.1%	7	2.8%	9	2.1%
Total	183	100.0%	246	100.0%	429	100.0%

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Pelos dados na tabela, pode-se perceber que os telejornais seguem um perfil distinto de temas diários. O Jornal Hoje explora mais temas como política (18.6%), violência e segurança (17,5%), economia (16.4%) e acidentes (12%). Já o JMTV 1ª Edição traz mais infraestrutura urbana (20.3%), entretenimento/cultura (20.3%), violência e segurança (14.2%) e saúde (10.6%). O que pode explicar essa diferenciação é o alcance que cada um deles possui, o Jornal Hoje é nacional, por isso, decisões políticas e fatores econômicos são mais presentes, já que afetam todo o país, além disso, o número alto de acidentes tem a ver com a cobertura de tragédias naturais que aconteceram naquele ano, como o rompimento da barragem em Brumadinho, em janeiro de 2019, e efeitos decorrentes de fortes chuvas em alguns estados. Esses acontecimentos tiveram vários desdobramentos, o que gerou pautas recorrentes nos telejornais. Entretanto, o JMTV é um telejornal local, o que faz com que seus assuntos sejam guiados pelos problemas da comunidade e, em sua maioria, da cidade de São Luís. Por esse motivo, há o grande aparecimento de matérias sobre infraestrutura, que denunciam as más condições das vias públicas, e de entretenimento, por causa dos eventos culturais que acontecem na cidade e no estado.

Para seguir com essa análise inicial, a tabela 3 se debruça sobre a abrangência das notícias transmitidas diariamente.

Tabela 3 – Abrangências das matérias exibidas pelos jornais

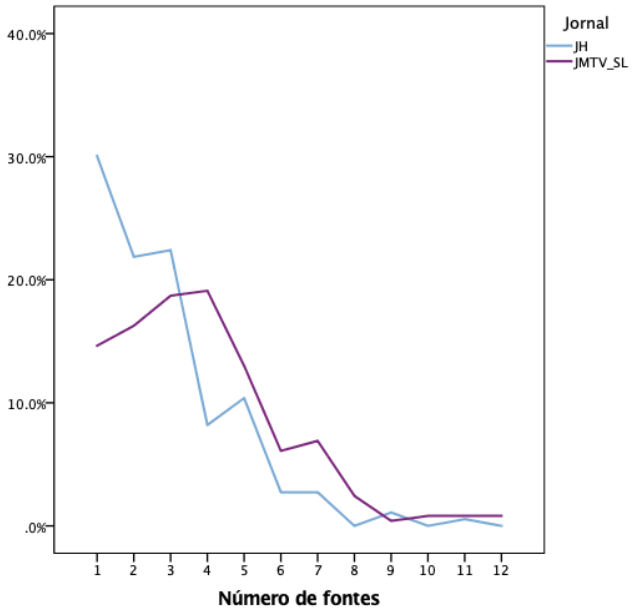
Abrangência	**JH**		**JMTV**		**Total**	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Local	25	13.7%	127	51.6%	152	35.4%
Regional	8	4.4%	118	48.0%	126	29.4%
Nacional	129	70.5%	1	0.4%	130	30.3%
Internacional	21	11.5%	0	0.0%	21	4.9%
Total	183	100.0%	246	100.0%	429	100.0%

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Como já discutido de forma preliminar, os telejornais possuem abrangências diferentes, o que influencia diretamente na localidade de cobertura. Como o Jornal Hoje é transmitido para todo o país, são priorizadas notícias de nível nacional (70.5%), e há entrada de notícias internacionais (11.5%), que falam sobre grandes acontecimentos do exterior e sobre questões internacionais que envolvem o Brasil e seus governantes, por exemplo. Por outro lado, o JMTV 1ª Edição se destaca pelo conteúdo local (51.6%), ao tratar sobre as questões que perpassam a cidade de São Luís – MA, e regional (48%), com a entrada de matérias de outras cidades com sedes da TV Mirante, como Imperatriz e Balsas, no Maranhão.

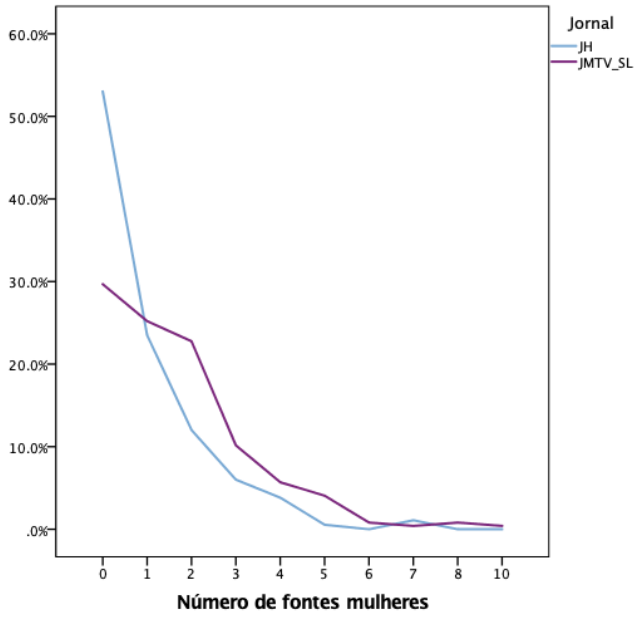
Acerca do uso das fontes, foi verificado que os dois jornais possuem uma média de 3.36 entrevistas por notícia veiculada, entretanto, ao se olhar apenas para fontes mulheres a média cai para 1.32, ou seja, dentre as 429 matérias apenas uma mulher é ouvida em média em cada notícia, de modo geral. Quando se olha de forma individual, o Jornal Hoje possui uma média de 2.77 fontes por matéria e 0.91 de mulheres. O JMTV se sai um pouco melhor, com uma média de 3.80 fontes ouvidas e 1.63 sendo mulheres. Nos gráficos abaixo, pode-se verificar de forma comparada o número de fontes consultadas em cada telejornal.

Gráfico 1 – Número de fontes consultadas



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Gráfico 2 – Número de fontes mulheres consultadas



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Nos gráficos estão dispostas as porcentagens de uso de fontes de acordo com a quantidade em que elas aparecem nas matérias. No gráfico 1, pode-se ver que 30% das matérias do Jornal Hoje – representado pela cor azul – apresenta apenas 1 entrevista. De modo geral, o JMTV – representado pela cor roxa – é o telejornal que usa mais fontes, seu pico é no uso de um pouco mais de 4 entrevistas por matéria, depois ele segue sempre acima do JH, com exceção do uso de 9 entrevistados. No gráfico 2, o JMTV também segue ganhando quando se fala em uso de fontes mulheres, enquanto o JH se destaca por não usar nenhuma mulher como fonte em mais de 50% das matérias, o telejornal regional só não traz mulheres entrevistadas em pouco menos de 1/3 dos materiais veiculados. Dentre as notícias do JMTV que apresentam fontes mulheres, praticamente 50% têm até 2 entrevistadas. Entretanto, é perceptível que, ao comparar com o número total, as vozes femininas aparecem menos. A partir de 3 entrevistadas mulheres, as duas linhas do gráfico sofrem uma queda com pouca variação.

Também foram analisadas as funções que as fontes desempenham nas matérias veiculadas nos dois jornais. A tabela abaixo demonstra os resultados obtidos.

Tabela 4– Tipos de fontes usadas nos telejornais

Tipo de fonte	**JH**		**JMTV**	
	Freq.	%	Freq.	%
Assunto da matéria	40	8.9%	26	3.5%
Oficial	125	28.0%	191	25.4%
Especialista	54	12.1%	42	5.6%
Testemunha	33	7.4%	13	1.7%
Opinião/relato	193	43.2%	480	63.8%
Total	445	0.4%	752	100.0%

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

O Jornal Hoje usa mais fontes que dão opinião pessoal (43.2%), oficiais (28%) e especialista (12.1%). Já o JMTV dá mais espaço para a opinião pessoal (63.8%), oficial (25.4%) e especialista (5.6%). Ou seja, os dois jornais seguem um perfil semelhante quando se olha o uso de fontes na narrativa. É importante notar que as fontes que fornecem seu relato pessoal são as mais usadas no telejornalismo, algo já apontado pela literatura (MEDITSCH, SEGALA, 2005). Esse tipo de fonte aparece para contar algo de cunho individual e/ou uma experiência vivida como uma forma de ilustrar a matéria e dos telejornais chegarem mais próximo da audiência, uma vez que são as vozes da comunidade sendo ouvidas. Esse recurso é mais usado, como se pode ver, pelo JMTV, um telejornal regional. Logo depois, as fontes mais usadas são as oficiosas, pessoas que ocupam, geralmente, cargos públicos e são consultadas pelos jornalistas para explicarem alguma situação para a comunidade, essas também são levantadas como as preferidas no jornalismo (SCHMITZ, 2011). Além disso, o grande uso de fontes especialistas e oficiais se dá ao fato de os jornalistas precisarem produzir matérias sobre assuntos que não entendem (SHCMITZ, 2011) e o destaque dado à fala de pessoas comuns é uma forma de "instrumento de personificação de assuntos" (COUTINHO; MATA, 2010).

Na próxima tabela, pode-se observar os dados resultantes ao se fazer o cruzamento com o tipo de fonte e os temas de notícias que são transmitidos nos Jornal Hoje e, logo depois, no JMTV 1ª Edição.

Tabela 5 – Tipos de fontes usadas de acordo com os temas das matérias no Jornal Hoje

Tema		Assunto da matéria	Oficial	Especialista	Testemunha	Opinião/relato	Outros
Política	Freq.	15	19	12	1	21	0
	%	37.5%	15.2%	22.2%	3.0%	10.9%	0.0%
Economia	Freq.	5	27	15	3	36	2
	%	12.5%	21.6%	27.8%	9.1%	18.7%	100.0%
Saúde	Freq.	0	6	7	2	13	0
	%	0.0%	4.8%	13.0%	6.1%	6.7%	0.0%
Educação	Freq.	1	3	3	1	11	0
	%	2.5%	2.4%	5.6%	3.0%	5.7%	0.0%
Minoria Social	Freq.	0	4	1	1	6	0
	%	0.0%	3.2%	1.9%	3.0%	3.1%	0.0%
Infraestrutura urbana	Freq.	1	4	2	5	8	0
	%	2.5%	3.2%	3.7%	15.2%	4.1%	0.0%
Violência e Segurança	Freq.	9	24	3	6	18	0
	%	22.5%	19.2%	5.6%	18.2%	9.3%	0.0%
Corrupção	Freq.	1	4	0	1	2	0
	%	2.5%	3.2%	0.0%	3.0%	1.0%	0.0%
Acidentes	Freq.	2	13	8	11	23	0
	%	5.0%	10.4%	14.8%	33.3%	11.9%	0.0%
Meio ambiente	Freq.	4	15	3	0	8	0
	%	10.0%	12.0%	5.6%	0.0%	4.1%	0.0%
Esportes	Freq.	0	0	0	0	2	0
	%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	1.0%	0.0%
Entretenimento/Cultura	Freq.	2	6	0	2	38	0
	%	5.0%	4.8%	0.0%	6.1%	19.7%	0.0%
Outro	Freq.	0	0	0	0	7	0
	%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	3.6%	0.0%
Total	Freq.	40	125	54	33	193	2

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Como se pode ver, no Jornal Hoje as fontes que são assuntos da matéria aparecem mais nos temas de política (37.5%) e violência e segurança (22.5%), isso porque esse tipo de entrevistado é aquele que gera o assunto da pauta. Nos casos analisados, as pautas eram geradas por atores do sistema político ou por pessoas que foram a figura principal de crimes e assuntos relacionados à segurança, sendo vítima ou não. As fontes oficiais aparecem mais em assuntos de economia (21.6%), violência e segurança (19.2%) e política (15.2%), o que pode ser explicado pela necessidade de os repórteres procurarem autoridades desses meios para se posicionarem ou explicarem o assunto da matéria. Os especialistas são mais presentes na economia (27.8%) e na política (22.2%), esse tipo de fonte é caracterizada por ser alguém de conhecimento específico sobre um assunto que está apto a oferecer interpretações sobre o fato,

isso pode explicar a grande presença desses em temas *hard*, ou seja, o telejornal procura fornecer aos telespectadores análises de assuntos que não são comuns para leigos. As testemunhas aparecem amplamente em acidentes (33,3%) e violência e segurança (18.2%), são nesses tipos de pautas que repórteres procuram ouvir pessoas que presenciaram um fato e podem relatar o acontecido. Por fim, as fontes que dão suas opiniões ou relatos aparecem mais em entretenimento/cultura (19.7%) e economia (18.7%), em pautas de cultura, muitos populares são buscados para fornecerem sua opinião sobre um show, espetáculo, por exemplo, para compor a matéria; e em pautas de economia sua presença se dá como uma forma de mostrar como assuntos da economia – taxas, preços, salário – influenciam na vida de cidadãos comuns.

Para seguir com essa análise de fontes e temas, a próxima tabela traz os dados acerca do JMTV.

Tabela 6 – Tipos de fontes usadas de acordo com os temas das matérias no JMTV 1ª Edição

Tema		**Assunto da matéria**	**Oficial**	**Especialista**	**Testemunha**	**Opinião/relato**
Política	Freq.	0	3	0	0	3
	%	0.0%	1.6%	0.0%	0.0%	0.6%
Economia	Freq.	0	8	10	0	56
	%	0.0%	4.2%	23.8%	0.0%	11.7%
Saúde	Freq.	1	29	6	2	46
	%	3.8%	15.2%	14.3%	15.4%	9.6%
Educação	Freq.	1	6	3	1	21
	%	3.8%	3.1%	7.1%	7.7%	4.4%
Minoria Social	Freq.	0	24	5	0	10
	%	0.0%	12.6%	11.9%	0.0%	2.1%
Infraestrutura urbana	Freq.	0	12	0	5	149
	%	0.0%	6.3%	0.0%	38.5%	31.0%
Violência e Segurança	Freq.	0	48	2	2	19
	%	0.0%	25.1%	4.8%	15.4%	4.0%
Corrupção	Freq.	0	4	0	0	0
	%	0.0%	2.1%	0.0%	0.0%	0.0%
Acidentes	Freq.	0	5	1	3	12
	%	0.0%	2.6%	2.4%	23.1%	2.5%
Meio ambiente	Freq.	1	7	1	0	24
	%	3.8%	3.7%	2.4%	0.0%	5.0%
Esportes	Freq.	6	4	3	0	8
	%	23.1%	2.1%	7.1%	0.0%	1.7%
Entretenimento/Cultura	Freq.	13	36	9	0	124
	%	50.0%	18.8%	21.4%	0.0%	25.8%
Outro	Freq.	4	5	2	0	8
	%	15.4%	2.6%	4.8%	0.0%	1.7%
Total	Freq.	26	191	42	13	480

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Os dados da tabela mostram que o conteúdo do JMTV se comporta de um jeito mais distinto do que foi visto com o Jornal Hoje. Como visto anteriormente, os temas de entretenimento e infraestrutura urbana são os mais recorrentes nesse telejornal, por esse motivo, é percebido uma presença maior de fontes nesses temas. Diferente do JH, as fontes que são assuntos da matéria estão mais presentes em entretenimento/cultura (50%) e esportes (23.1%), isso porque o telejornal explora mais figuras do estado que são importantes nesses cenários. As fontes oficiais estão em temas como violência e segurança (25.1%), pelo fato de autoridades da justiça serem consultadas, mas também em entretenimento (18.8%), pois muitas das notícias trazem a figura responsável pelos eventos para uma entrevista.

Assim como no JH, o telejornal regional também usa mais especialistas em matérias de economia (23.8%), para fornecerem explicações sobre fatos, mas eles também estão presentes no entretenimento (21.4%), uma vez que os repórteres também se dedicam a ouvir o que pessoas com conhecimento e pertencente à esse meio têm para dizer. As testemunhas no JMTV aparecem mais em pautas sobre infraestrutura urbana (38.5%) e acidentes (23.1%), nesses cenários os repórteres costumam procurar pessoas que presenciaram problemas ocorridos pelo mau estado de estradas, por exemplo, e que presenciaram acidentes de perto.

Por fim, as pessoas consultadas para fornecerem sua opinião particular são mais encontradas em infraestrutura urbana (31%) e entretenimento/cultura (25.8%). No primeiro caso encontramos pessoas que compartilham seu relato pessoal quanto a problemas nessa área, e no segundo caso, são de espectadores de shows, eventos e apresentações que são entrevistados para falar sobre a experiência e avaliar os espetáculos.

Desse modo, é perceptível que o Jornal Hoje busca acrescentar um maior número de fontes e tipos diferentes em matéria de *hard news*, como política e economia. Isso pode se dever ao fato do interesse do telejornal em veicular notícias que impactam diretamente os brasileiros em nível nacional, como decisões políticas e atualizações sobre a economia do país, já que esses são dois setores que se encontram em crise com o governo do atual presidente Jair Bolsonaro (sem partido). Ao contrário, o JMTV 1ª Edição traz uma maior multiplicidade de fontes em matérias de infraestrutura e entretenimento/cultura, temas que são ligados à localidade, demandas da comunidade, figuras locais e eventos culturais que são produzidos no estado.

Até aqui, foram vistos os dados de maneira mais geral sobre os telejornais analisados. No próximo tópico, as discussões sobre formatos, quantidade de fontes, abrangência e temas são aprofundadas com a inclusão do sexo das fontes de informação.

5.1 Tematização dos telejornais: onde as mulheres aparecem?

Neste tópico, a análise será feita com a categorização das quatro primeiras fontes coletadas em cada telejornal. Para entender a representação das fontes femininas nos telejornais, é interessante notar a quantidade em que elas são usadas em relação aos homens e em que temas elas estão mais presentes. No Jornal Hoje, foram 135 mulheres usadas como fonte de informação e 312 homens, ou seja, eles representam mais da metade. No JMTV, foram 307 mulheres ouvidas e 445 homens, apesar de eles continuarem como maioria, elas estão em número bem maior do que o visto no Jornal Hoje. Essa ampla diferença já foi observada em outros estudos (MARINO, 2018; MEDITSCH e SEGALA, 2005). Segundo Meditsch e Segala (2005), a falta de mulheres sendo entrevistadas pode ser um retrato da sociedade brasileira, que têm pouca presença de mulheres em cargos públicos ou em posições de destaques.

Abaixo, verifica-se em que tipos de formatos usados nos telejornais têm maior presença de homens ou de mulheres como entrevistados.

Tabela 7 - Uso de fontes femininas e masculinas de acordo com os formatos

Formato	**JH**				**JMTV**			
	Mulher		**Homem**		**Mulher**		**Homem**	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
VT	133	98.5%	303	97.1%	303	98.7%	440	98.9%
Stand Up	1	0.7%	8	2.6%	4	1.3%	5	1.1%
Nota Coberta	1	0.7%	1	0.3%	0	0	0	0
Total	135	100%	312	100%	307	100%	445	0%

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Como já visto anteriormente, o VT é o formato mais presente nos telejornais, isso explica o grande número de fontes que são encontradas nesse tipo. No Jornal Hoje, 133 mulheres foram consultadas e 303 homens em VTs; no stand up, foram 1 mulher e 8 homens e há apenas a presença de 1 nota coberta para ambos os sexos. O que se percebe é que o homem segue sendo a maioria, além disso, em stand up, onde a fonte de informação tem um maior espaço de fala e mais destaque, apenas 1 mulher foi ouvida no Jornal Hoje. No que diz respeito ao JMTV 1ª Edição, 303 mulheres e 440 homens foram entrevistados em VTs, já nos stand up, 4 mulheres e 5 homens foram encontrados. Sendo assim, o telejornal regional é o que apresenta um maior equilíbrio entre o uso de fontes nos formatos, apesar do número total de homens ser maior.

Para verificar de forma aprofundada os temas tratados pelo Jornal Hoje e a presença de homens em mulheres em cada um, apresenta-se a tabela abaixo.

Tabela 8 – Presença de homens e mulheres de acordo com temas do Jornal Hoje

Tema		**Sexo das fontes**		**Total**
		Mulher	**Homem**	
Política	Freq.	8	60	34
	%	5.9%	19.2%	
Economia	Freq.	24	64	30
	%	17.8%	20.5%	
Saúde	Freq.	11	17	10
	%	8.1%	5.4%	
Educação	Freq.	6	13	7
	%	4.4%	4.2%	
Minoria Social	Freq.	8	4	6
	%	5.9%	1.3%	
Infraestrutura urbana	Freq.	6	14	7
	%	4.4%	4.5%	
Violência e Segurança	Freq.	19	41	32
	%	14.1%	13.1%	
Corrupção	Freq.	1	7	5
	%	0.7%	2.2%	
Acidentes	Freq.	16	41	22
	%	11.9%	13.1%	
Meio ambiente	Freq.	10	20	11
	%	7.4%	6.4%	
Esportes	Freq.	0	1	1
	%	0.0%	1.2%	
Entretenimento/Cultura	Freq.	7	9	16
	%	7.1%	10.5%	
Outro	Freq.	0	2	2
	%	0.0%	2.3%	
Total	Freq.	135	312	183

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

É interessante notar que homens e mulheres estão mais presentes nos mesmos temas, entretanto, há discrepâncias em todas as categorias. As mulheres estão mais presentes em economia (17,8%), violência e segurança (14.1%) e acidentes (11.9%). Da mesma forma, os homens são mais ouvidos em economia (20,5%), política (19,2%), violência e segurança (13.1%) e acidentes (13.1%). Entretanto, há de se notar que em todos os temas eles estão em maior número, as mulheres apenas são mais ouvidas que os homens em minoria social (5.9%), e em política elas são as menos ouvidas, enquanto há a presença de 8 mulheres, 60 homens foram fontes. Apesar do aparente equilíbrio entre vozes em economia, violência e segurança, os papéis que homens e mulheres desempenham nessas matérias não são os mesmos, enquanto elas servem como testemunhas, vítimas e salientam suas opiniões e relatos pessoais, os homens

estão mais presentes como fontes oficiais e especialistas. Isso será discutido de forma mais detalhada posteriormente.

A próxima tabela traz esses mesmos dados, mas agora levando em conta o JMTV 1ª Edição.

Tabela 9 - Presença de homens e mulheres de acordo com temas do JMTV 1º Edição

Tema		Mulher	Homem	Total
Política	Freq.	2	4	3
	%	0.7%	0.9%	
Economia	Freq.	40	34	23
	%	13.0%	7.6%	
Saúde	Freq.	48	36	26
	%	15.6%	8.1%	
Educação	Freq.	20	12	10
	%	6.5%	2.7%	
Minoria Social	Freq.	16	23	11
	%	5.2%	5.2%	
Infraestrutura urbana	Freq.	51	115	50
	%	16.6%	25.8%	
Violência e Segurança	Freq.	16	55	35
	%	5.2%	12.4%	
Corrupção	Freq.	1	3	4
	%	0.3%	0.7%	
Acidentes	Freq.	3	18	11
	%	1.0%	4.0%	
Meio ambiente	Freq.	12	21	10
	%	3.9%	4.7%	
Esportes	Freq.	8	13	6
	%	2.6%	2.9%	
Entretenimento/Cultura	Freq.	82	100	50
	%	26.7%	22.5%	
Outro	Freq.	8	11	7
	%	2.6%	2.5%	
Total	Freq.	307	445	246

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Os dados do JMTV apresentam várias diferenças em comparação com o Jornal Hoje. Nesse telejornal, as mulheres estão mais presentes em entretenimento/cultura (26.7%), infraestrutura urbana (16.6%) e saúde (15.6%). Nesses casos, além de elas estarem na posição de opinião e relatos, também foi percebida uma presença delas como especialistas e fontes oficiais. Já os homens são encontrados em maior número em infraestrutura urbana (25.8%), entretenimento/cultura (22.5%) e violência e segurança (12.4%).

É neste telejornal também que se pode observar a presença em número maior de mulheres, em relação aos homens, em três temas: economia (13%), saúde (15.6%) e educação

(6,5%). O fato de elas aparecerem mais em economia pode ser explicado pela maior procura da opinião delas em relação a preços, exemplo disso está em matérias gravadas em supermercados, principalmente na época do Natal e Ano Novo. Com relação à saúde, há a presença delas como oficiais e especialistas – coordenadoras, enfermeiras, médicas -, como também em papel de opinião e relato. Cenário semelhante à educação, em que elas são ouvidas como professoras, coordenadores e diretoras de escolas, além de darem opinião e relatos, como no papel de mãe, por exemplo.

Para finalizar esse tópico que discute onde as mulheres aparecem nos telejornais, a tabela abaixo traz os resultados quanto à abrangência das matérias.

Tabela 10 – Presença de homens e mulheres de acordo com a abrangência dos telejornais

Abrangência	**JH**				**JMTV**			
	Mulher		**Homem**		**Mulher**		**Homem**	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Local	28	20.7%	53	17.0%	182	59.3%	244	54.8%
Regional	5	3.7%	16	5.1%	125	40.7%	200	44.9%
Nacional	89	65.9%	220	70.5%	0	0.0%	1	0.2%
Internacional	13	9.6%	23	7.4%	0	0	0	0
Total	135	100%	312	100%	307	100%	445	100%

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Pode-se verificar que os homens são os mais ouvidos quando se olha para todo tipo de abrangência, sendo local, regional, nacional e internacional. Entretanto, há algumas distinções interessantes. Em notícias nacionais, do Jornal Hoje, é onde se encontra a maior disparidade entre homens e mulheres, enquanto foram ouvidas 89 mulheres, 220 homens foram consultados. E no JMTV, há apenas 1 homem entrevistado em notícia de nível nacional. Como já foi visto anteriormente, o Jornal Hoje tem os temas de política e economia mais presentes em nível nacional, isso pode explicar o menor número de mulheres encontrados nessa abrangência, já que os homens são os mais ouvidos nesses temas. O que também pode ser visto é que o JMTV 1º edição apresenta um número de homens e mulheres um pouco mais equilibrados em matérias locais e regionais, o que também acontece com o JH.

Seguindo com a análise com recorte do sexo, o próximo tópico propõe discutir o perfil de fontes homens e mulheres que aparecem nos dois telejornais, isso será feito a partir das categorias de tipo de fonte, relação familiar e violência.

5.2 Uso das fontes: como as mulheres estão inseridas na narrativa jornalística?

Neste tópico, os dados apresentados dizem respeito ao número de fontes consultadas nos telejornais, não mais à quantidade de matérias. No Jornal Hoje foram constatadas 447 entrevistas e no JMTV 1ª Edição foram 752, somando 1.199 fontes de informação[2]. Para o início da análise, a tabela abaixo apresenta a porcentagem quanto ao posicionamento das mulheres entre as 4 fontes que foram coletadas para esse estudo.

Tabela 11 – Posicionamento de mulheres e homens enquanto fontes nos telejornais

Posicionamento	**JH**						**JMTV**					
	Mulher		**Homem**		**Total**		**Mulher**		**Homem**		**Total**	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Fonte 1	48	26.2	135	73.8	183	100.0	99	40.2	147	59.8	246	100.0
Fonte 2	38	29.5	91	70.5	129	100.0	90	42.9	120	57.1	210	100.0
Fonte 3	35	39.8	53	60.2	88	100.0	70	40.9	101	59.1	171	100.0
Fonte 4	14	29.8	33	70.2	47	100.0	48	38.4	77	61.6	125	100.0
Total	135	30.3	312	69.7	447	100.0	307	40.9	445	59.1	752	100.0

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

No caso do Jornal Hoje, 39.8% das mulheres são a terceira fonte e 29.8% são a quarta. Em comparação, os homens são a primeira fonte, com 73.8%, e a segunda, com 70.5%. No JMTV 1° Edição, 42.9% delas são a segunda fonte a ser ouvida e 40.9% são a terceira. Já os homens se destacam sendo a quarta fonte (61.6%) e a primeira (59.8%). Ou seja, em nível de posicionamento, as mulheres não obtém destaque, os homens são em sua maioria as primeiras fontes de informação apresentadas.

Tabela 12 – Tipos de fontes de acordo com o sexo no Jornal Hoje

			Sexo	
			Mulher	**Homem**
Tipo	Assunto da matéria	Freq.	11	29
		%	8%	9.2%
	Oficial	Freq.	18	107
		%	13.3%	34.2%
	Especialista	Freq.	8	46
		%	6%	15%
	Testemunha	Freq.	7	26
		%	5%	8.3%
	Opinião/Relato	Freq.	89	104
		%	66%	33.3%
	Outro	Freq.	2	0
		%	1.4%	0
Total		Freq.	135	312
		%	100.0	100.0

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

[2] Apenas as 4 primeiras fontes foram consideradas neste momento.

No caso do Jornal Hoje, os homens são em sua maioria as fontes que fornecem opinião e relato, sendo 104 (33.3%) deles, mas também se destacam sendo oficiais, 107 (34.2%), e especialistas, 46 (15%) deles. Por outro lado, apesar das mulheres terem algum equilíbrio com os homens quanto a dar sua opinião, com 89 (66%) falas, ao se olhar para oficiais e especialistas a discrepância é maior. Apenas 18 (13.3%) mulheres foram fontes oficiais e 8 (6%) foram especialistas. Ou seja, a mulher está no telejornal mais para compartilhar seus relatos pessoais e servirem de ilustração para um assunto, do que para representar órgãos públicos e privados e interpretarem algo, devido ao seu conhecimento específico, que são papéis de mais destaque no jornalismo.

As autoras, Pereira, Caleffi e Albertini (2018), perceberam um cenário semelhante ao olharem para as fontes no telejornal Boa noite, Paraná. Segundo elas, a falta de mulheres como oficiais e especialistas causa uma exclusão delas nos debates e reafirma imagens masculinas e femininas nos moldes tradicionais dos estereótipos de gênero, enquanto os homens estão relacionados a participação no mercado de trabalho, as mulheres estão relacionadas a vida doméstica e a maternidade, por exemplo. Beffa (2017) também aponta que esse mesmo cenário faz com que os homens ocupem papéis centrais nas notícias – como autoridades, peritos, os que explicam ou classificam algo –, e as mulheres são usadas como instrumentos para que a matéria seja relacionável com as pessoas, fornecendo suas opiniões sem serem peritas no assunto. Por fim, Rocha e Woitowicz (2013) também reforçam que quando há desigualdade na escolha de fontes, isso acaba por reproduzir representações dos papéis masculinos e femininos na sociedade.

Para seguir com essa análise, a tabela abaixo demonstra o uso de fontes no JMTV 1ª Edição.

Tabela 13 - Tipos de fontes de acordo com o sexo no JMTV 1ª Edição

			Sexo	
			Mulher	**Homem**
Tipo	Assunto da matéria	Freq.	13	13
		%	4.2%	3%
	Oficial	Freq.	55	136
		%	18%	30.5%
	Especialista	Freq.	13	29
		%	4.3%	6.5%
	Testemunha	Freq.	6	7
		%	2%	1.5%
	Opinião/Relato	Freq.	220	260
		%	72%	58.4%
Total		Freq.	307	445
		%	100.0	100.0

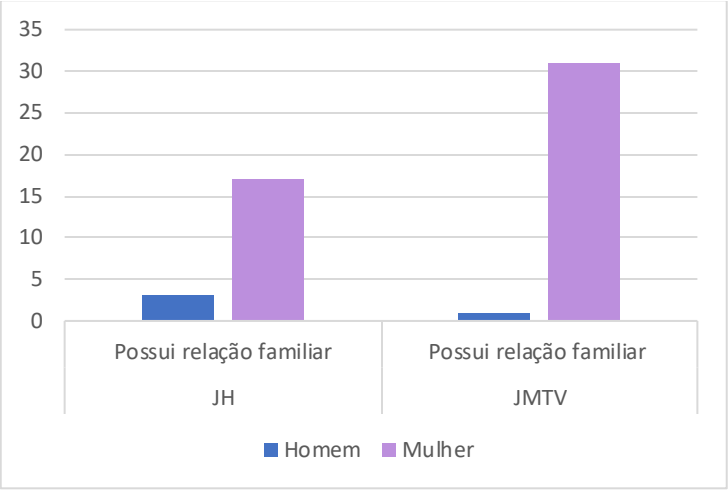
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Os dados do JMTV mostram um cenário mais positivo do que o Jornal Hoje. Os homens estão mais presentes em opinião/relato (58.4%), oficial (30.5%) e especialista (6.5%). Já as mulheres estão mais presentes também em opinião/relato (72%), oficial (18%) e especialista (4.3%). Pode-se perceber que há um equilíbrio entre os especialistas nos dois sexos, ou seja, ao contrário do JH, o telejornal regional entrevista mais mulheres com conhecimentos específicos na profissão ou da academia. Com relação a fonte oficial, apesar dos homens serem maioria, há um bom número de mulheres nessa função. Ao se olhar para assuntos da matéria, o número é igual, foram 13 mulheres e 13 homens consultados.

Outro fato interessante é que, apesar de grande parte dos jornalistas de Imperatriz e Balsas, no Maranhão, terem informado que não se preocupam com o gênero das fontes e de algumas confessarem que acham mais difícil encontrar mulheres especialistas (LIMA; SANTOS; TAVARES, 2019), o telejornalismo regional do estado apresenta um avanço no sentido de consultarem mais mulheres com essa função, diferente do que foi percebido no jornalismo nacional, representado pelo Jornal Hoje.

O próximo gráfico mostra os dados relacionados à relação familiar das fontes que foram ouvidas pelos jornais, ou seja, se foram ouvidas por ser um parente próximo de outro personagem da matéria.

Gráfico 3 – Relação familiar das fontes de informação



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Como se pode ver, nos dois telejornais, as mulheres são as fontes mais consultadas por possuírem parentesco com outro personagem da matéria. No Jornal Hoje, são 17 mulheres consultadas e apenas 3 homens. No JMTV são 31 mulheres e apenas 1 homem. O principal parentesco que se verifica é o de mãe, mas também há esposas, filhas e etc. O interessante a se notar é que, enquanto há uma parcela de mulheres que são consultadas por conta do parentesco, com os homens isso não se repete, mesmo que eles sejam também pais, esposos e filhos. Isso pode ser um reflexo da sociedade, que estabelece uma ligação muito estreita com a feminilidade e a maternidade, algo que não é percebido na mesma proporção e da mesma forma com a paternidade, uma vez que o universo feminino gira em torno do espaço privado e o homem pertence ao espaço público (KOSHIYAMA, 2001; DANTAS, RUBIM, 2018).

Para finalizar esse tópico, a tabela abaixo apresenta os números referentes aos casos de violência retratados nos telejornais.

Tabela 14 – Quantidade de fontes vítimas de violência nos telejornais

Violência	JH		JMTV	
	Mulher	**Homem**	**Mulher**	**Homem**
	Freq.	Freq.	Freq.	Freq.
Violência doméstica	1	0	1	2
Violência psicológica	0	1	0	0
Vítima de abuso sexual	4	0	0	0
Total	5	1	1	2

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Apesar do tema violência e segurança ser recorrente entre os temas dos dois telejornais, o número de vítimas entrevistadas é baixo. No Jornal Hoje, foram 6 vítimas entrevistadas, sendo 1 homem vítima de violência psicológica, 1 mulher vítima de violência doméstica e 4 de abuso sexual, o que resulta em 5 mulheres retratadas como vítimas e apenas 1 homem. No JMTV 1ª Edição esse total diminui para apenas 3 vítimas, 2 homens e 1 mulher de violência não doméstica. Desse modo, apesar do que a literatura apontar sobre a exploração da mulher como vítima no jornalismo (MARINO, 2018), neste estudo, isso não se reflete de forma expressiva.

Para completar a discussão dos resultados dessa pesquisa, o próximo tópico traz os dados e reflexões sobre as matérias que possuíam perspectiva de gênero na narrativa jornalística dos dois telejornais.

5.3 Perspectiva de gênero: qual o espaço dedicado às questões das mulheres nos telejornais?

Neste tópico, volta-se com os dados referentes ao número de matérias, um total de 429 nos dois telejornais. Na tabela abaixo, pode-se ver a quantidade de matérias veiculadas no Jornal Hoje e no JMTV 1ª Edição que incluíam menção à alguma questão de gênero.

Tabela 15 – Quantidade de matérias com perspectivas de gênero nos telejornais

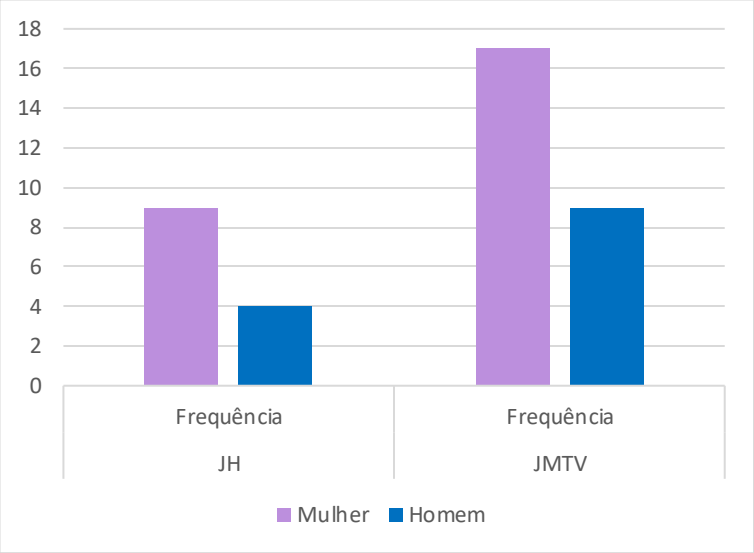
	JH		JMTV		Total	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Não possui perspectiva de gênero	178	97.3%	236	95.9%	414	96.5%
Possui perspectiva de gênero	5	2.7%	10	4.1%	15	3.5%
Total	183	100.0%	246	100.0%	429	100.0%

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Pelo que se pode notar, o número de matérias que incluem alguma reflexão sobre as mulheres é muito baixo. Das 183 notícias coletadas do Jornal Hoje em 2019, apenas 5 delas (2.7%) possuíam perspectiva de gênero. Já o JMTV conta com 246 notícias e apenas 10 delas possuíam essa perspectiva. Isso demonstra que as questões que giram em torno do gênero ainda não são exploradas de forma ampla pelo jornalismo, o que impacta diretamente na visibilidade dessas questões. Como foi apontado na revisão de literatura, o jornalismo atua como formador de opinião e conhecimento de mundo, nesse sentido, se na narrativa jornalística não há a exploração de temas sociais como esse, a audiência acaba por não ter contato com eles – pelo menos por esses veículos - e, logo, deixa-se de fornecer informações que poderiam impactar de forma positiva nas relações sociais, nos debates da esfera pública e na vida política.

Além do número de matérias, também foi observado a quantidade de homens e mulheres que foram consultados nesse cenário, as informações seguem no gráfico abaixo.

Gráfico 4 – Quantidade de homens e mulheres entrevistados em matérias com perspectiva de gênero nos telejornais



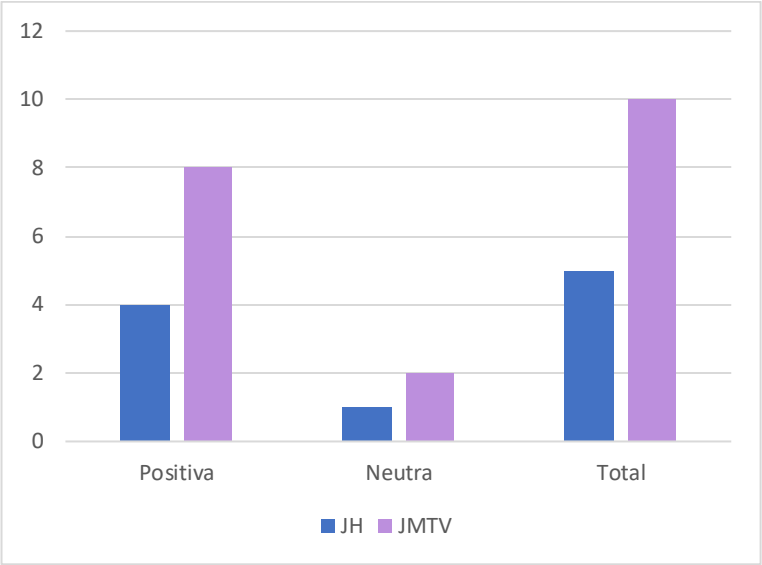
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Quando se observa matérias que são específicas sobre mulheres, as fontes femininas ganham dos homens. No Jornal Hoje, esse tipo de reportagem consultou 9 mulheres e 4 homens, no JMTV 1ª Edição, foram entrevistadas 17 mulheres e 9 homens. Mas é interessante notar que, mesmo que elas estejam na frente, o número de fontes masculinas não é tão baixo em comparação. O lado positivo desse dado é que, pelo menos em notícias que abordam as questões de gênero, os repórteres têm o cuidado de consultar mais mulheres. Outro motivo para o maior

número também pode se dever ao fato de mulheres serem as responsáveis e estarem à frente de movimentos e ações que prezam pelos direitos das mulheres.

Também foi percebido a valência desse tipo de matéria, se não positivas, negativas, neutras ou equilibradas. Os dados quanto a isso estão no gráfico abaixo.

Gráfico 5 – Valência das matérias com perspectiva de gênero nos telejornais



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

De todas as matérias analisadas, foi percebido que os telejornais optam por apresentar uma visão positiva quando se fala em reflexões quanto ao gênero. Das 5 notícias produzidas no Jornal Hoje, 4 são positivas e 1 é neutra. No JMTV 1° Edição, das 10 matérias, 8 são positivas e 2 neutras. As neutras são reportagem que se prestam apenas a informar sobre o assunto, já nas positivas, a narrativa jornalística demonstra, por meio da fala do repórter e/ou dos entrevistados, a importância dos direitos da mulher, a necessidade e o sucesso delas em espaços tidos como masculinos. Sendo assim, apesar do número baixo, os telejornais apresentam uma visão positiva quando se trata de questões de gênero.

Diante desse cenário, para exemplificar algumas dessas matérias com perspectiva de gênero coletadas no trabalho, foram selecionadas 4 notícias, duas de cada telejornal. Vai ser apresentada uma breve descrição das matérias e das fontes que aparecem. Os exemplos se iniciam com duas notícias do Jornal Hoje.

Figura 2 – Reportagem sobre a carreira de Beth Carvalho no Jornal Hoje

Fonte: Print do Jornal Hoje (01/05/2019)

No dia 1 de maio de 2019, o Jornal Hoje veiculou uma matéria de 5 minutos e 22 segundos sobre a carreira de Beth Carvalho, um dos maiores nomes da música brasileira que veio a falecer no dia 3 de abril do mesmo ano. A reportagem exalta a importância da cantora no cenário do samba e afirma que além de cantar, sua voz também era de resistência. A primeira fonte ouvida é Teresa Cristina, a cantora a descreve como uma mulher "forte e guerreira" e afirma que toda sambista deve lembrar do nome dela. Entretanto, apesar de ressaltar a importância da figura de Beth Carvalho, uma mulher sambista em um cenário dominado por homens, apenas duas vozes femininas são entrevistadas, em comparação, 7 homens foram ouvidos. Essa discrepância pode ser a reflexão do samba que ainda têm a maior presença de homens, mas os repórteres poderiam buscar outras mulheres que se inspiram na cantora e que também estão buscando reconhecimento no samba, dessa forma, causando uma reflexão maior sobre o tema.

Figura 3 – Reportagem sobre alteração da Lei Maria da Penha no Jornal Hoje

Fonte: Print do Jornal Hoje (18/09/2019)

Esta matéria, de 3 minutos e 26 segundos, foi veiculada no dia 18 de setembro de 2019 e trata sobre uma alteração na Lei Maria da Penha, que determina que os agressores de mulheres vão ser os responsáveis por pagar as dívidas médicas das vítimas no Sistema Único de Saúde. A matéria mostra exemplos de agressões que aconteceram em várias partes do país durante o ano e o número de atendimentos feitos para as vítimas no SUS. Como fonte, foram usadas 2 mulheres, Isabela Freitas, uma fisioterapeuta que foi agredida, e Dyane Brito, uma socióloga que ocupa o papel de especialista e relata que a alteração da lei é importante, mas sé preciso também agir de forma a prevenir as agressões contra as mulheres. Ela também reforça que a violência contra a mulher é uma "guerra declarada pelo fato de ser mulher". Sendo assim, mesmo que a notícia trate de algo factual, a reportagem procurou dar espaço para contextualizar a violência contra a mulher na perspectiva do gênero, o que é importante para que essas agressões não sejam tidas como algo pontual, mas parte de um sistema de opressão. Segundo Hendel (2017), quando a mídia toma casos de violência de gênero como algo excepcional, ela impede que esses crimes sejam devidamente entendidos e prevenidos.

Para finalizar com os exemplos, as próximas duas notícias com perspectivas de gênero foram veiculadas no JMTV 1ª Edição.

Figura 4 – Reportagem sobre projeto contra a violência de gênero no JMTV 1º Edição

Fonte: Print do JMTV 1ª Edição (06/06/2019)

No dia 6 de junho de 2019, uma matéria de 2 minutos e 55 segundos foi veiculada no JMTV 1° Edição sobre uma campanha da Defensoria Púbica do Maranhão contra a violência de gênero na cidade de São Luís. O intuito é atender o público LGBT, fornecendo atendimento jurídico, social e psicológico para pessoas que estão em situação de vulnerabilidade. Foram 5 fontes consultadas, sendo 4 delas mulheres. Entre elas estão a titular do Núcleo de Mulher e Pessoa LGBT da Defensoria Pública, Lindevania Martins, a coordenadora do projeto, Silene Gomes, e a coordenadora das Delegacias da Mulher do Maranhão, Kazumi Takana, que ressalta que a campanha vai atuar junto à comunidade trans e travesti, que sofrem opressão por se identificarem como mulheres. Ou seja, a matéria se trata de um factual de um projeto em desenvolvimento que traz em seu conteúdo a importância de políticas públicas contra a violência de gênero e divulga ações que podem ajudar pessoas em situação de risco. Esse tipo de notícia é importante, por trazer a questão da mulher na perspectiva da comunidade LGBTQIA+, que não é muito visto no telejornalismo. Além disso, sua importância também está atrelada à informação de políticas públicas para os telespectadores, que passam a conhecê-las e podem ser beneficiados com isso.

Figura 5 – Reportagem sobre mulheres que se destacam no esporte

Fonte: Print do JMTV 1ª Edição (24/12/2019)

Em uma matéria de 3 minutos e 38 segundo, exibida no dia 24 de dezembro de 2019, o JMTV 1ª Edição destaca um grupo de mulheres que praticam o esporte chamado "Enduro", que usa motocicletas para fazer percursos em trilhas. A reportagem inicia falando que "aventura, coragem e muita adrenalina" foi o que juntou essas mulheres. Todas as fontes ouvidas nessa matéria, um total de 3, são as mulheres que praticam esse esporte, com destaque para Andreia Almeida, pioneira no estado e que foi indicada em uma premiação esportiva no Maranhão. A matéria tem a proposta de mostrar que as mulheres também dominam esse esporte, que é visto como algo masculino e do qual não existe categoria feminina nas competições, fazendo com que as mulheres concorram com os homens. Entretanto, a repórter deixa escapar um estereótipo de gênero ao falar que elas "não perdem a elegância" na hora de competir. Ser elegante é algo costumeiramente ligado às mulheres, mesmo quando se fala em esporte, em que as características como força e habilidade são as mais evidenciadas. É importante pensar que, provavelmente, se a notícia tivesse homens como destaque, a elegância não seria reforçada. Dessa forma, a matéria é importante por trazer a imagem de mulheres bem sucedidas em um esporte dominado por homens, mas infelizmente continua expressando um estereótipo de gênero ao falar sobre elas.

Diante do cenário visto aqui, percebemos que a representação das mulheres no jornalismo, apesar de pequenos avanços no cenário regional, ainda há muito o que evoluir, há uma invisibilização da voz delas como oficiais e especialistas, em temas como política e economia e há falta de pautas que tratam sobre perspectivas de gênero. Para discutir de forma

mais aprofundada o que foi encontrado nesta pesquisa, o próximo tópico traz as considerações finais sobre o trabalho, indica a sua importância e aponta novos caminhos para a pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve a proposta de identificar como as mulheres, no papel de fonte de informação, aparecem nos telejornais Jornal Hoje e JMTV 1ª Edição no ano de 2019. Para isso, foram coletadas 429 matérias que incluam entrevistas para verificar seus temas, formatos e abrangência, o perfil de fonte homens e mulheres e a presença de pautas com perspectiva de gênero. Para isso, a metodologia escolhida foi a Análise de Conteúdo (AC), que permitia estudar os telejornais de forma quantitativa e sistemática.

De forma geral, em relação ao conteúdo, foi percebido que os dois telejornais seguem perfis distintos. O Jornal Hoje produz mais conteúdos de nível nacional e explora mais temas como política, violência e segurança e economia, também é o telejornal que mais usa o recurso de links ao vivo, apesar da maioria do seu conteúdo ser apresentado em formato VT, e o que ouve menos fontes de informação. Já o JMTV 1º Edição, produz mais VTs com temáticas que giram em torno de infraestrutura urbana, entretenimento/cultura e violência e segurança, e sua abrangência é mais local e regional. Isso pode se dever aos diferentes interesses e alcances deles. O Jornal Hoje é transmitido em nível nacional e cobre as decisões políticas que impactam na vida de todos os brasileiros, além disso, a política e o setor econômico passam por uma crise durante o governo de Jair Bolsonaro (sem partido), assim, seu conteúdo é centrado nessas questões. De forma distinta, o JMTV 1ª Edição é regional e tem interesse em estar mais próximo da comunidade, principalmente da cidade de São Luís. Por esse motivo, ele cobre mais pautas de infraestrutura urbana e entretenimento/cultura, no primeiro caso para divulgar denúncias dos cidadãos e, no segundo caso, para destacar eventos e personalidades da região.

Com relação aos tipos de fontes que cada um dos telejornais usa nas matérias, o Jornal Hoje se destaca pelo uso de fontes que dão opinião/relato, oficiais e especialista. E o JMTV 1ª Edição se destaca na presença de opinião pessoal e oficial. Sendo esses os três tipos de fontes comumente mais usadas no telejornalismo. Entretanto, quando se olha o cruzamento de tipo de fonte e temas de matérias, os telejornais se comportam de maneira mais distinta. Foi percebido que enquanto o Jornal Hoje busca tipos diferentes de fontes na política e economia, o JMTV demonstra mais pluralidade em infraestrutura e entretenimento/cultura. Isso demarca mais uma vez o perfil diferente que eles possuem, apesar de integrarem a mesma rede de televisão. Enquanto o primeiro leva à público assuntos nacionais mais *hard*, o segundo demonstra

interesse em pautas de denúncias da comunidade e de eventos e espetáculos locais, tema mais *soft,* respeitando, assim, a abrangência de cada um.

Quando se fala na quantidade de mulheres entrevistadas, nas quatro primeiras posições, em cada telejornal, nota-se uma discrepância ampla nos dois casos. No Jornal Hoje, foram 135 mulheres usadas como fonte de informação, menos da metade do número de homens. Já o JMTV, foi o que mais as ouvia, foram 307 mulheres ouvidas contra 445 homens, uma diferença menor. Essa diferença não acaba só na quantidade de vozes ouvidas, mas se reflete também na presença delas nos temas de notícias e nos tipos de fontes. No Jornal Hoje, elas são as menos ouvidas em 12 categorias, só ganham quando se olha em minoria social. Além disso, a maior disparidade está em temas políticos, em que apenas 8 mulheres foram ouvidas, enquanto se entrevistou 60 homens. Em comparação, o JMTV foi o que apresentou um pequeno avanço na equidade de homens e mulheres, sendo que elas são as mais ouvidas em temas de economia, saúde e educação. Mesmo que elas apareçam mais como fontes que fornecem opinião/relato, elas também têm uma boa presença como oficiais e especialistas nesses temas.

Quando se percebe os tipos de fontes de informação usados nos programas a partir da categoria sexo, é perceptível que também existem distinções, inclusive ao se comparar cada um dos telejornais. Tanto no Jornal Hoje quando no JMTV 1ª Edição, as mulheres estão mais presentes no papel de fonte que dá sua opinião/relato. Ou seja, dentro da construção da narrativa jornalística a voz delas pouco contribuem, uma vez que a fala de cidadãos comuns não costumam fornecer informações relevantes, apenas estão lá para servir de ilustração para a matéria (MEDITSCH; SEGALA, 2005).

Entretanto, é o JMTV que demonstra um cenário melhor para as mulheres. Nesse telejornal, há uma presença maior de mulheres sendo fontes oficiais e especialistas, ou seja, no regional se percebe um maior equilíbrio entre os sexos e é onde elas desempenham função de mais destaque, pois são consultadas para representarem órgão públicos e privados e por terem conhecimento específico em algum assunto. Isso é algo que não se esperava, uma vez que já foi levantado que em cenários regionais há uma maior dificuldade em encontrar mulheres especialistas (LIMA; SANTOS; TAVARES, 2019), em tese, um jornal de abrangência nacional que tem sede em um grande centro teria mais facilidade para isso.

Por fim, com relação ao conteúdo dos telejornais, verificou-se também a presença de matérias com perspectivas de gênero, ou seja, produções onde se tinha alguma reflexão ou apontamento sobre as questões que envolvem as mulheres. Nesse cenário, os números deixam

transparecer uma realidade negativa. Em números totais, esse tipo de notícia é encontrado de forma incipiente no *corpus* analisado. Das 183 notícias coletadas do Jornal Hoje em 2019, apenas 5 delas possuíam perspectiva de gênero. Já o JMTV conta com 246 notícias e apenas 10 delas possuíam essa perspectiva. Os dados deixam claro que os telejornais exploram pouco esse tema, o que impacta diretamente na visibilização dos movimentos, direitos e questões de gênero. O que por sua vez provoca um efeito negativo quando se pensa no fornecimento de informações que estarão presentes no debate público, nas relações sociais e na vida política. Porém, o que se tem de positivo nesse cenário é que, em sua grande maioria, os repórteres entrevistam mais mulheres nessas matérias e a produção carrega uma conotação positiva.

Diante dos resultados apresentados, pode-se afirmar que a presença das mulheres nos telejornais ainda necessita de grandes avanços. Elas ainda não estão presentes em grandes números quando se olha para as fontes de informação e são invisibilizadas enquanto fontes oficiais e especialistas em temas políticos e de economia, o que faz com que se legitime uma imagem de que elas não pertencem a esses meios. Apesar disso, também foi percebido que é o telejornalismo regional que demonstra um avanço na representação das mulheres, ouvindo-as mais em números totais e as inserindo na narrativa jornalística como oficiais e especialistas.

Dessa forma, esta pesquisa contribuiu para ampliar as discussões de gênero e jornalismo, demonstrando não só um cenário nacional, mas levando em conta o telejornalismo regional, que aqui apresentou dados mais positivos. Para que a pesquisa e o debate sigam avançando, esse estudo pode ser expandido para outros meios jornalísticos, como rádio e sites, além de também levar em conta outros contextos sociais, de outras cidades interioranas e/ou metrópoles. Assim, através da pesquisa científica se pode conhecer como o jornalismo está se comportando atualmente e quais avanços ele precisa ter em seu conteúdo para representar o mundo com mais equidade e, assim, contribuir com os cidadãos e a democracia.

REFERÊNCIAS

ABRAJI. Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo**. Relatório sobre Mulheres no Jornalismo**, 2017. Disponível em: http://mulheresnojornalismo.org.br/. Acesso em: 14 de mar. 2018.

ABREU, A. A. (Org.); ROCHA, D. (Org.). **Elas ocuparam as redações**: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ALCÂNTARA, N. S.; CHAPARRO, M. C.; GARCIA, W. **Imprensa na berlinda:** a fonte pergunta. São Paulo: Celebris, 2005.

ALVES, J. E. D. et al. Meio século de feminismo e o empoderamento das mulheres no contexto das transformações sociodemográficas do Brasil. In: BLAY, E. A.; AVELAR, L. (org.). **50 anos de feminismo**: Argentina, Brasil e Chile: A construção das mulheres como atores políticos e democráticos. São Paulo: Edusp, 2019. Cap. 1, p.15.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. Tradução de: Sérgio Milliet.

BEFFA, L. C. AS FONTES FEMININAS NO JORNALISMO BRASILEIRO. **Comunicação: Reflexões, experiências, ensino**, v. 13, n. 2, p. 121-196, 2017.

BIROLI, F. **Gênero e desigualdade:** limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BLAY, E. A. Como as mulheres se construíram como agentes políticos e democráticas: o caso brasileiro. In: BLAY, Eva Alterman; AVELAR, L. (org.). **50 anos de feminismo**: Argentina, Brasil e Chile: A construção das mulheres como atores políticos e democráticos. São Paulo: Edusp, 2019. p. 65.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. Tradução de: Renato Aguiar.

CERQUEIRA, C. B. A Imprensa e a Perspectiva de Género: Quando elas são notícia no Dia Internacional da Mulher. **Observatorio (obs*)**, [s.l.], v. 5, p.139-164, 2008.

CHAVES, F. N. A mídia, a naturalização do machismo e a necessidade da educação em direitos humanos para comunicadores. **Intercom Norte, Manaus**, 2015.

COUTINHO, I. Lógicas de produção do real no telejornal: s incorporação do público como legitimador do conhecimento oferecido nos telenoticiários. In: GOMES, Itania Maria Mota (org.). **Televisão e Realidade**. Salvador: Edufba, 2009. p. 9-296.

_____, I. Narrativas jornalísticas de referência: informação e diálogo na história da TV Pública. In: VIZEU, Alfredo *et al* (org.). **Telejornal e praça pública**: 65 anos de telejornalismo. Florianópolis: Insular, 2015.

_____, I. **Dramaturgia do telejornalismo**: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora - MG. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

_____, I.; MATA, J. Telejornalismo a serviço do público: a voz do povo em cena. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 17, n. 1, p. 65-73, 2010.

DANTAS, F. A.; RUBIM, L. O. TCHAU QUERIDA: Questões de gênero na cobertura da mídia sobre o governo Dilma. **Revista Observatório**, v. 4, n. 1, p. 466-491, 2018.

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016. Tradução de: Heci Regina Candiani.

ESCOSTEGUY, A. C.; MESSA, M. R. Os estudos de gênero na pesquisa em comunicação no Brasil. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. (Org.). **Comunicação e Gênero:** a aventura da pesquisa. Porto Alegre: Edipucrs, 2008. Cap. 1, p. 14.

FARFAN, T. M. **Mulher e telejornalismo**: uma análise da presença feminina na apresentação ou ancoragem de telejornais no Brasil. 2015. 76 f., il. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

FELIPPI, Â. C. T. **Jornalismo e identidade cultural**: construção da identidade gaúcha em Zero Hora. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

FREITAS, V. G.. **Feminismo na imprensa alternativa brasileira**: quatro décadas de lutas por direitos. 1. ed. Jundiaí: Paco, 2018.

GOMES, W. Por que a comunicação é tão importante quando se pensa a democracia? In: MENDONÇA, R. F.; CUNHA, E. S. (Org.). **Introdução à Teoria Democrática**: Conceitos, histórias, instituições e questões transversais. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. v. 1. 372p.

GRUPO DE MÍDIA DE SÃO PAULO (São Paulo). **Mídia Dados 2019**. 2019. Disponível em: http://www.gm.org.br/midia-dados-2019. Acesso em: 30 maio 2020.

HEDLER, A. P.; CERVI, E. U.; HEDLER, P. A mulher na mídia: estudo sobre a presença feminina na temática violência. **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política**, v. 20, n. 2, 2011.

HEILBORN, M. L. De que gênero estamos falando. **Sexualidade, gênero e sociedade**, v. 1, n. 2, p. 1-6, 1994.

HENDEL, L. **Violencias de género**: las mentiras del patriarcado. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2017.

HOLTZ-BACHA, C. Quem cuida das crianças? A representação das mulheres do alto escalão político pelos media. **Compolítica**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.45-60, 2013. Disponível em: <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/2820/quem_cuida_crian%C3%A7as_holtz-bacha.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 nov. 2018.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 5. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019. Tradução de: Ana Luiza Libânio.

JMTV 1ª Edição. Negócios Globo. [s.l.], [s/d]. Disponível em: https://negocios8.redeglobo.com.br/programas/paginas/jmtv1edicao.aspx. Acesso em: 5 jul. 2020.

JOHN, V. M. Jornalismo esportivo e equidade de gênero: a ausência das mulheres como fonte de notícias na cobertura dos jogos olímpicos de Londres 2012. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. v. 11, n. 2, jul a dez de 2014.

JORNAL HOJE. Negócios Globo. [s.l.], [s/d]. Disponível em: https://negocios8.redeglobo.com.br/Programas/Paginas/Jornal%20Hoje.aspx. Acesso em: 5 jul. 2020.

KARAM, F, J. **Jornalismo, Ética e Liberdade.** São Paulo: Summus Editorial, 1997.

KOSHIYAMA, A. M. **Mulheres jornalistas na imprensa brasileira**. Intercom, Campo Grande–MS, 2001.

LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LIMA, D. S.; SANTOS, W. O.; TAVARES, C. Q. Relações de gênero na rotina de trabalho de mulheres jornalistas: um estudo de Imperatriz e Balsas, no Maranhão. **ÂNCORA - Revista Latino-americana de Jornalismo**, v. 6, n. 2, p. 300–321, 2019.

MARINO, C. Mulheres, espaço e voz no telejornalismo brasileiro: Análise das representações sociais de gênero no JN. In: **16º Encontro da SBPJor**. 2018. Disponível em: http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2018/paper/view/1430. Acesso em: 11 jul. 2020.

MARTINEZ, M.; LAGO, C.; LAGO, M. C. S. Estudos de gênero na pesquisa em jornalismo no Brasil: uma tênue relação. **Revista Famecos**, [s.l.], v. 23, n. 2, p.1-23, 21 mar. 2016. EDIPUCRS. http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2016.2.22464. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22464>. Acesso em: 25 nov. 2018.

MEDEIROS, F. B. L**. Os quadros como espaços de excelência dentro do telejornal**: uma análise do JMTV 1ª Edição a partir do Infotenimento. Imperatriz, 2019. 81 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social – Jornalismo) – UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, Imperatriz, 2019.

MEDITSCH, E.; SEGALA, M. Vozes do povo e vozes do poder: uma análise dos atores das notícias do principal telejornal brasileiro. **Revista PRISMA.COM**, v. 0, n. 1, p. 16–42, 2005.

MELO, J. M. **Jornalismo opinativo:** gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. **Caleidoscópio Convexo**: mulheres, política e mídia. São Paulo: Unesp, 2011.

_____L. F.; BIROLI, F. **Feminismo e política.** São Paulo: Boitempo, 2014.

MORENO, Rachel. **A imagem da mulher na mídia:** controle social comparado. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2017.

NEVES, F. Telejornalismo nos primeiros tempos: história de desafios. In: VIZEU, Alfredo *et al* (org.). **Telejornal e praça pública**: 65 anos de telejornalismo. Florianópolis: Insular, 2015.

O GLOBO. **O Globo lança Celina, uma plataforma sobre mulheres e diversidade**. 2019. Disponível em: https://oglobo.globo.com/celina/o-globo-lanca-celina-uma-plataforma-sobre-mulheres-diversidade-23506999. Acesso em: 01 jun. 2020.

OLIVEIRA, M. F. C. **Subjetividade e discurso**: um estudo da linguagem no telejornalismo. Taubaté: Veredas, 2006.

PELLEGRINI, P. A atuação das fontes na construção do discurso jornalístico. **Revista Cambiassu,** São Luís, p. 269-288, 2008.

PEREIRA, A.; CALEFFI, R.; ALBERTINI, C. Um telejornal de homens? Invisibilização e silenciamento das mulheres no Boa noite Paraná. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 2018.

PINTO, M. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. **Comunicação e Sociedade**, [s. L.], v. 14, n. 2, p. 277-294, 2000. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/5512. Acesso em: 13 jun. 2020.

PONTES, F. S. Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileiras. In: **E-Compós**. 2017.

PORCELLO, F.; SARTORI, D. Telejornalismo no Brasil: a linguagem verbal e não verbal para atrair a Nova Classe Média. **Sessões do Imaginário**, v. 18, n. 29, p. 3-9, 2013.

PROJETO CORA. **O que é o Projeto Cora?** 2019. Disponível em: http://projetocora.com.br/o-que-e-o-projeto-cora/. Acesso em: 01 jun. 2020.

ROCHA, P. M.. **As Mulheres Jornalistas no Estado de São Paulo**: o processo de profissionalização e feminização da carreira. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

_____, P. M.; DANCOSKY, A. K. A participação feminina no Jornalismo e as representações de gênero: um estudo sobre as mulheres nas editorias online de tecnologia dos principais jornais brasileiros. **Comunicologia-Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília**, v. 9, n. 1, p. 24-42, 2016.

_____, P. M.; SOUSA, J. P;. O mercado de trabalho feminino em jornalismo: Análise comparativa entre Portugal e Brasil. **Impulso**, v. 21, n. 51, p. 7-18, 2011.

_____, P. M.; WOITOWICZ, K. J. Representações de Gênero na mídia: um estudo sobre a imagem de homens e mulheres em jornais e revistas segmentadas. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 10, 2013.

ROCHA, S. M. Como a noção de gênero televisivo colabora na interpretação das representações? Proposta metodológica de análise integrada. In: GOMES, Itania Maria Mota (org.). **Televisão e Realidade**. Salvador: Edufba, 2009. p. 9-296.

SANTOS, M.; TEMER, A. C. R. P. Jornalismo no feminino: a mulher jornalista, subjetividades e atuação profissional. **Comunicação & Sociedade**, v. 38, n. 3, p. 35-58, 2016.

SARMENTO, R. Quem faz a sua maquiagem? A senhora sabe cozinhar?: Estereótipos sobre o feminino na entrevista de Dilma Rousseff à Patrícia Poeta. IV Encontro Nacional da ULEPICC. **Anais...** Rio de Janeiro, 2012.

SCHMITZ, A. A. **Fontes de notícias**: ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.

SILVA, G.; SILVA, R.; SOUSA, N.; TAVARES, C. Gênero como tema de pesquisa em Jornalismo: uma comparação do perfil de quem publica em revistas de Comunicação. **IX Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJOR).** Universidade Federal de Goiás, Goiânia, p. 1-20, 2019.

SILVA, N. C.; GONÇALVES, E. M. O discurso das mulheres fotojornalistas: desequilíbrio entre trabalho remunerado e maternidade como apelo profissional. **Brazilian Journalism Research**, vol. 14 - N. 1 - Abril - 2018.

SOUSA, J. P. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e da mídia**. Letras Contemporâneas, 2004.

SOUZA, A. F. C. **Mulheres jornalistas:** Percursos e percalços. 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19152.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2019.

SOUZA, M.; SILVA, U. C. O MST no Jornal Hoje uma análise discursiva. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, v. 55, n. 2, p. 177-192, 19 dez. 2013.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de M.. **Aprender telejornalismo:** produção e técnica. São Paulo: Brasiliense, 2004.

TEMER, A. C. R. P. A importância histórica da televisão e do telejornalismo na padronização cultural no interior do Brasil. **Comunicação & Mercado/UNIGRAN-Dourados-MS**, v. 1, p. 8-23, 2012.

THINK OLGA (Brasil). **Minimanual do Jornalismo Humanizado:** Parte VI - Aborto. 2017. Elaborado por Nina Neves com consultoria da ANIS - Instituto de Bioética. Disponível em: <https://think-olga.s3.amazonaws.com/pdf/Aborto.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2018.

_____. **Entreviste uma mulher**. 2014. Disponível em: https://olga-project.herokuapp.com/2014/08/20/entreviste-uma-mulher/. Acesso em: 01 jun. 2020.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: por que as notícias são como são?. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TV GLOBO E VOCÊ. Rede Globo, [s.l.], 2011. Disponível em: http://redeglobo.globo.com/institucional/noticia/2011/06/tv-globo-e-voce.html. Acesso em: 5 jul. 2020.

VEIGA, M. Gênero: um ingrediente distintivo nas rotinas produtivas do jornalismo. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v. 9, n. 2, p. 490- 505, jul-dez, 2012.

VIZEU, A. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, n. 40, p. 77-83, 2009.

WACC. **The Global Media Monitoring Project 2015.** 2015. Disponível em: <http://cdn.agilitycms.com/who-makes-the-news/Imported/reports_2015/highlights/highlights_es.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2020.

APÊNDICE

LIVRO DE CÓDIGOS[3]

Representação das fontes femininas nos telejornais brasileiros

1. ID DO TELEJORNAL

Identificar se é o telejornal analisado é o JMTV1 Imperatriz, JMTV 1 São Luís e Jornal Hoje.

2. DATA

Data de exibição da edição do telejornal.

3. ASSUNTO

Assunto principal da matéria.

4. FORMATO

CÓD.	TIPO
1	VT
2	Stand Up
3	Entrevista em estúdio
4	Nota Coberta
5	Outro

5. TEMA

Identificar o tema central das reportagens, podendo ser eles:

CÓD.	TEMA	DESCRIÇÃO
1	Política	Matéria relacionada aos poderes legislativo, judiciário ou executivo.
2	Economia	Matéria relacionada a emprego, salário, preços, movimentos da bolsa, produção agrícola ou pecuária, etc.
3	Saúde	Matéria relacionada ao sistema público de saúde, doenças, dados da saúde pública, campanhas de prevenção ou vacinação, etc.

[3] Livro de códigos baseado na metodologia da pesquisa Global Media Monitoring Project realizada pela The World Association for Christian Communication (2020).

4	Educação	Matéria que envolve a educação pública ou privada.
5	Minoria social	Matéria que envolve as minorias como deficientes, idosos, negros, etc.
6	Infraestrutura urbana	Matéria relacionada a obras urbanas, transporte, moradias, vias urbanas, etc.
7	Violência e Segurança	Matérias que envolvem crimes, sistema presidiário, dados sobre segurança, combate à violência, etc.
8	Corrupção	Matérias que envolvam ações corruptas de políticos, empresários, etc.
9	Acidentes	Matéria que aborde casos de acidentes domésticos, no transporte, fenômenos naturais, etc.
10	Meio ambiente	Matéria que envolve assuntos ambientais, como prevenção, devastação e impactos ambientais, etc.
11	Esportes	Matéria que envolve esportes, competições e entidades do meio.
12	Entretenimento/Cultura	Matéria sobre beleza, música, cinema, cultura local, etc.
13	Universo feminino	Matérias que tratam sobre maternidade, atividades domésticas, etc.
14	Outro	Matérias que não se enquadram em nenhum tema categorizado.

6. ABRANGÊNCIA

CÓD.	ABRANGÊNCIA	DESCRIÇÂO
1	Local	Matérias sobre a cidade em que o jornal está localizado
2	Regional	Matérias sobre outras cidades dentro do estado
3	Nacional	Matérias de interesse nacional e/ou que envolvam fatos de outros estados

4	Internacional	Matérias sobre outros países

7. A MÁTERIA POSSUI PERSPECTIVA DE GÊNERO?

Quando o conteúdo jornalístico aborda questões gênero ao falar sobre a mulher.

CÓD.	**DESCRIÇÃO**
0	Não possui perspectiva de gênero
1	Possui perspectiva de gênero

8. SE 5, ESPECIFICAR:

CÓD.	**ESPECIFICAÇÃO**	**DESCRIÇÃO**
0	Não possui perspectiva de gênero	Matéria não inclui nenhuma abordagem de gênero
1	Violência contra a mulher	Matéria que aborde casos de violências, índices, etc.
2	Direito das mulheres	Matéria que aborde decisões, debates e demandas sobre direitos das mulheres.
3	Mulher na política	Matérias que envolvam mulheres políticas, índices sobre mulheres na política, etc.
4	Saúde da mulher	Matérias que abordem a saúde da mulher envolvendo assuntos como gravidez, ginecologia, aborto, etc.
5	Mulher no mercado de trabalho	Matérias que discutem sobre o espaço das mulheres nas profissões.
6	Ativismo feminino	Matéria que aborde movimentos das mulheres protestando reivindicando direitos, etc.
7	Outro	Matérias que não se enquadram em nenhum tema categorizado.

9. SE A MATÉRIA É SOBRE DIREITOS, ESPECIFICAR:

CÓD.	TIPO
0	Não fala de direitos
1	Igualdade salarial
2	Aborto
3	Espaço profissional
4	Espaço político
5	Segurança
6	Discriminação
7	Outro

10. SE POSSUIR PERSPECTIVA DE GÊNERO, INDENTIFICAR A VALÊNCIA DA MATÉRIA:

CÓD.	TIPO	DESCRIÇÃO
1	Positiva	Apresenta o tema sob uma boa ótica
2	Negativa	Matérias que apresentam argumentos contrários
3	Neutra	Se interessa em apenas informar um fato
4	Equilibrada	Apresenta visões em favor ou contra algum tema

11. QUANTIDADEDE FONTES CONSULTADAS

Enumerar a quantidade de fontes usadas nas reportagens.

12. QUANTIDADE DE MULHERES CONSULTADAS

Enumerar a quantidade de fontes femininas usadas nas reportagens.

13. FONTE 1

6.1 Sexo da fonte

CÓD.	SEXO
1	Mulher
2	Homem

6.2 Tipo de fonte

CÓD.	TIPO	DESCRIÇÃO
1	Assunto da matéria	A fonte é a razão da matéria
2	Oficial	Representante oficial do assunto da matéria
3	Especialista	Especialista no tema da matéria
4	Testemunha	Testemunhou uma ação que é assunto da matéria
5	Opinião/Relato	A fonte dá sua opinião sobre um assunto ou relata algo que tem a ver com a matéria
6	Não sabe dizer	Não é deixado claro
7	Outro	A fonte não se enquadra em nenhuma categoria indicada

6.3 Relação familiar da fonte

Identificar se a fonte é consultada por ter algum parentesco familiar com outro personagem da matéria.

CÓD.	DESCRIÇÃO
0	Não há parentesco
1	Há parentesco

6.5 A fonte é vítima?

Identificar se a fonte presente na matéria foi vítima de algum tipo de violência.

CÓD.	DESCRIÇÃO
0	Não é vítima
1	Vítima de violência doméstica
2	Vítima de violência psicológica
3	Vítima de abuso sexual
4	Vítima de violência física
5	Vítima de acidentes ou doença
6	Vítima de violência não doméstica (roubo e furto)
7	Vítima de discriminação (gênero, raça, religião)
8	Outro tipo de vítima

14. FONTE 2

Repetir a identificação das mesmas categorias descritas em FONTE 1

15. FONTE 3

Repetir a identificação das mesmas categorias descritas em FONTE 1

16. FONTE 4

Repetir a identificação das mesmas categorias descritas em FONTE 1

Observação: Se a reportagem usar menos que 4 fontes na matéria, identificar todas as categorias com o número 0 das fontes 2,3 e 4, se existirem mais de 4 fontes, será feita a coleta das 4 fontes que aparecem primeiro na reportagem.